



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS III
CURSO: LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

LEIDY DAYANA DA SILVA DOS SANTOS
MARIA VICTÓRIA SILVESTRE FERNANDES MIRANDA

(IN)VISIBILIDADES DE AUXILIARES DE SALA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL: percepções de “quem vive na pele”

JUAZEIRO
2025

**LEIDY DAYANA DA SILVA DOS SANTOS
MARIA VICTÓRIA SILVESTRE FERNANDES MIRANDA**

**(IN)VISIBILIDADES DE AUXILIARES DE SALA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL: percepções de “quem vive na pele”**

Trabalho de Conclusão de Curso, Memorial de Produto Pedagógico, apresentado à Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Ciências Humanas – Campus III, como pré-requisito básico para a Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia, na disciplina TCCII.

Orientadora: Profa. Ma. Clara Maria Miranda de Sousa

JUAZEIRO
2025

Leidy Dayana da Silva dos Santos
Maria Victória Silvestre Fernandes Miranda

**(IN)VISIBILIDADES DE AUXILIARES DE SALA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL: percepções de "quem vive na pele"**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do Curso
de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia -
Campus III, para obtenção do grau de licenciado(a) em Pedagogia.

DATA DA APRESENTAÇÃO: 16/12/2025

BANCA EXAMINADORA

Clara Maria Miranda de Sousa

Professor(a) Clara Maria Miranda de Sousa
UNEB/DCHIII
Orientador(a)

Antoneide Santos Almeida Silva

Professor(a) Antoneide Santos Almeida Silva
UNEB/DCHIII
Avaliador(a)

Silvia Lúcia Lopes Benevides

Professor(a) Silvia Lúcia Lopes Benevides
UNEB/DCHIII
Avaliador(a)

Dedicamos este trabalho para os nossos familiares, principalmente aqueles que não tiveram as mesmas oportunidades educacionais que a gente. E à Madeline, Aurora, Bela, Luna e Stacie, as auxiliares participantes dessa pesquisa.

AGRADECIMENTOS – LEIDY DAYANA

Agradeço primeiramente a Deus, que me sustenta, me escuta e me ama, mesmo quando nem eu me amo. Obrigada Pai Celestial por todo seu amor por mim.

Agradeço a existência dos melhores presentes que Deus poderia me dar nessa terra que é minha mainha Severina e meu irmão mais novo, Anderson Gabriel. Obrigada por sempre me amarem, me apoiarem e me incentivarem, tanto nessa jornada quanto em todas as outras que eu passo e passarei. Saibam que enquanto eu vencer nessa vida, essa vitória é de vocês também.

À Nikael Oliveira Silva, meu amado namorado, amante, amigo (e em breve esposo, espero). Que foi paciente comigo nesse momento caótico de escrita deste trabalho, me ajuda, me aconselha, me respeita e me ama. Obrigada por todo seu carinho e afeto para comigo, sua chegada em minha vida foi e é um presente que comprova o quanto Deus me ama e ouve as minhas orações.

À minha orientadora Clara Maria Miranda, por ter sido paciente, ter aceito o nosso convite e por ter nos ajudado nesse percurso de escuta, estudo e escrita.

Às minhas Fo-foquinhas *Club*: Emanuela de Lima, Layane Rodrigues, Ingrid Renata e Ianny Carla. Obrigada pela amizade que construímos durante essa jornada pedagógica, pelas risadas que ecoam no nosso “clubinho” (aquele banco azul específico da UNEB), pelas confraternizações regadas a muita comida, RBD e jogos de tabuleiro. Obrigada, também, por não me fazerem desistir do meu diploma. Levarei um pedacinho de vocês sempre comigo.

À minha parceira de trabalho e amiga, Maria Victória, que fez da construção dessa pesquisa uma realidade. Obrigada pela sua amizade, por me ouvir e pela sua parceria dentro e fora da universidade.

E, pra finalizar, agradeço a Leidy de 2018 por não ter desistido nos dias cinzas daquele ano. Obrigada por acreditar que o sol voltaria a brilhar pra gente e por continuar a nadar nesse grande mar que é a vida. O sol brilhou e Deus te trouxe até aqui.

AGRADECIMENTOS – MARIA VICTÓRIA

Agradeço com muito carinho a cada pessoa que perpassou pelo meu caminho e, por isso, me fez chegar até aqui.

À minha família, meu amado pai, Weydson, por ser meu companheiro, por me apoiar em tudo que me proponho a fazer e por me mostrar o quão longe a gente pode chegar tendo um coração tão grande e afetuoso. À minha mãe, Luzany, por me apresentar ao mundo da leitura, me incentivar e me mostrar que o que a gente conhece ninguém nos tira.

À Romeu, meu gato de estimação e também o meu melhor amigo, que não me deixou sozinha em nenhum momento e tornou essa caminhada muito mais leve.

Agradeço às minhas amigas do *Fo-foquinhas*: Ingrid Renata, Ianny Carla, Layane, Emanuela e Leidy Dayana, que foram as minhas parceiras de curso e de vida. As pessoas que lutaram ao meu lado durante essa jornada, que me motivaram, acreditaram no meu potencial até mesmo quando eu não acreditava. Muito obrigada por me ouvirem, por me acolherem, por serem tão especiais, amorosas e tão gentis. Todo o apoio mútuo que tivemos para finalizar essa etapa ficará para sempre guardado em meu coração.

À Ana Clara, minha irmã, que mesmo com tantos quilômetros de distância, dividiram comigo o peso dos dias nublados e a leveza dos dias ensolarados.

Agradeço à minha orientadora, a Professora Mestre Clara Maria, pela orientação leve e atenciosa durante o desenvolvimento deste trabalho, por acalmar o meu coração e me mostrar que é possível.

Por fim, os meus agradecimentos a mim mesma. Por não ter desistido em nenhum momento. Por não ter perdido o olhar carinhoso e afetuoso para com a vida. Por ter superado os obstáculos, sobretudo na saúde emocional e física, para que eu pudesse chegar até aqui. Agradeço a mini versão da Maria Victória, aquela que na infância passava as suas tardes brincando de ser uma professora, que sempre teve um olhar curioso acerca de tudo que existe no mundo. Maria, sei que nem tudo no caminho até aqui foi como esperado, mas o mais importante acontece bem ali, no meio de tudo, por entre todos os planos que nós traçamos.

“Você pode passar a vida traçando linhas... ou viver sua vida atravessando-as. Mas existem certas linhas que são perigosas demais para se cruzar. Aqui está tudo o que sei: Se você tem disposição para correr o risco, a vista do outro lado é espetacular!”

Meredith Grey

LISTA DE SIGLAS

BNCC - BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

BA - BAHIA

DCH - DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

E-BOOK - ELETRONIC BOOK (LIVRO ELETRÔNICO)

LDB/LDBEN - LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL

TCLE - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TEA – TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

UNEB - UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo principal compreender as percepções e vivências das auxiliares de sala atuantes na Educação Infantil sobre suas funções, as condições de trabalho, suas relações interpessoais e as suas aprendizagens. O estudo visa discutir a (IN)visibilidade dessas profissionais e transformar suas experiências em contribuições teóricas e práticas para uma Educação Infantil mais equitativa. Caracterizada pela abordagem qualitativa e descritiva, a investigação contou com a participação de cinco Auxiliares de Sala de instituições privadas do município de Juazeiro-BA. Os dados foram coletados por meio de questionários sociodemográficos, diário de campo e entrevistas semi estruturadas, e analisados utilizando a Análise de Conteúdo de Laurence Bardin. A análise dos relatos revelou que a (IN)visibilidade está intrinsecamente ligada a fenômenos recorrentes em seu cotidiano, agrupados em quatro categorias centrais: QUEM É A ATRIZ PRINCIPAL? RELAÇÕES ENTRE AUXILIAR E PROFESSOR REGENTE: A hierarquização e a redução ao suporte operacional, CONDIÇÕES DE TRABALHO: A sobrecarga de funções e o trabalho invisível feminino, FORMAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA FUNÇÃO: A precariedade laboral e a desvalorização financeira e QUEM REALMENTE SOU? DESAFIOS DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE: A busca pela identidade docente e a gratificação afetiva. Em resposta à desvalorização, à sobrecarga de funções e à ausência de formação continuada, o trabalho resultou na elaboração de um Produto Pedagógico, o E-book “Do cuidado à educação: guia prático de formação e Valorização para Auxiliares de Sala da Educação Infantil”, que busca instrumentalizar essas profissionais e fomentar a reflexão e a reivindicação de seus direitos.

Palavras-chaves: Auxiliar de Sala; (IN)visibilidade; Condições de Trabalho; Educação Infantil; Escola.

ABSTRACT

This research aims to understand the perceptions and experiences of classroom assistants working in Early Childhood Education regarding their roles, working conditions, interpersonal relationships, and learning. The study seeks to discuss the (in)visibility of these professionals and transform their experiences into theoretical and practical contributions to a more equitable Early Childhood Education. Characterized by a qualitative and descriptive approach, the investigation involved the participation of five classroom assistants from private institutions in the municipality of Juazeiro-BA. Data were collected through sociodemographic questionnaires, field notes, and semi-structured interviews, and analyzed using Laurence Bardin's Content Analysis. The analysis of the accounts revealed that (in)visibility is intrinsically linked to recurring phenomena in their daily lives, grouped into four central categories: WHO IS THE MAIN ACTRESS? RELATIONSHIPS BETWEEN ASSISTANT AND LEAD TEACHER: Hierarchical structure and reduction to operational support, WORKING CONDITIONS: Overload of functions and invisible women's work, TRAINING FOR THE DEVELOPMENT OF THE FUNCTION: Job insecurity and financial devaluation, and WHO AM I REALLY? CHALLENGES IN BUILDING TEACHER IDENTITY: The search for teacher identity and affective gratification. In response to devaluation, overload of functions, and lack of continuing education, the work resulted in the creation of a Pedagogical Product, the E-book "From care to education: a practical guide to training and appreciation for Early Childhood Education Classroom Assistants," which seeks to equip these professionals and foster reflection and the claiming of their rights.

Keywords: Classroom Assistant; (IN)visibility; Working Conditions; Early Childhood Education; School.

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela 1 - Identificação das participantes | 31 |
| Tabela 2 - Formação e tempo de atuação | 32 |
| Tabela 3 - Categorias centrais | 33 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO: QUANDO O INVISÍVEL QUER SER VISTO | 14 |
| 1.1 AUXILIAR DE SALA: papel (in)visibilizado na Educação Infantil | 19 |
| 1.2 DO LAR À SALA DE AULA: Origens históricas da (in)visibilidade e sobrecarga das auxiliares na Educação Infantil..... | 22 |
| 1.3 “QUEM MANDA AQUI?”: A instabilidade contratual e relações hierárquicas na Educação Infantil..... | 24 |
| 1.4 NAS PESQUISAS, AS PERSPECTIVAS: O que ela nos revela até aqui .. | 25 |
| 2. METODOLOGIA..... | 28 |
| 2.1 AS AUXILIARES NA EDUCAÇÃO INFANTIL | 28 |
| 2.2 OS INSTRUMENTOS DE COLETAS DE DADOS | 29 |
| 2.3 ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA: | 30 |
| 2.4 AS PARTICIPANTES DAS ENTREVISTAS:..... | 30 |
| 2.5 ANÁLISE DE DADOS..... | 32 |
| 3.0 RESULTADOS E DISCUSSÃO..... | 35 |
| 3.1 QUEM É A ATRIZ PRINCIPAL? RELAÇÕES ENTRE AUXILIAR E PROFESSOR REGENTE: A hierarquização e a redução ao suporte operacional | 35 |
| 3.2 CONDIÇÕES DE TRABALHO: A sobrecarga de funções e o trabalho invisível feminino..... | 39 |
| 3.3 FORMAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA FUNÇÃO: A precariedade laboral e a desvalorização financeira | 46 |
| 3.4 QUEM REALMENTE SOU? DESAFIOS DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE: A busca pela identidade docente e a gratificação afetiva | 50 |
| 4.0 PRODUTO | 56 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 5 |
| REFERÊNCIAS..... | |
| APÊNDICES..... | 64 |
| TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO..... | 65 |

| | |
|---|----|
| QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO | 66 |
| ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA | 67 |

INTRODUÇÃO: QUANDO O INVISÍVEL QUER SER VISTO

Nas pesquisas nos âmbitos educacionais, muito se vê que as temáticas são predominantemente acerca dos professores como figura fundamental na sala de aula e a sua prática docente voltada à infância. Mas, ao notar o cotidiano de uma sala no campo da Educação Infantil, vemos que existe um(a) profissional que também é peça importante para o funcionamento da escola, seja pública ou não, mas que necessita de estudos aprofundados, respeito para com o seu trabalho e melhor definição de sua atribuição profissional (Mosti, 2018).

Para tanto, utilizaremos nessa discussão o termo relacionado a profissionalização na educação no feminino, por observarmos em nossa realidade em sua totalidade serem mulheres. A proposta em discutir sobre a (in)visibilidade das auxiliares de sala atuantes na Educação Infantil emerge da necessidade de compreender, no contexto escolar, como as condições de trabalho e os percalços da rotina com os sujeitos que se inserem nessa educação, impactam o bem-estar dessas profissionais e, conseqüentemente, o desenvolvimento das práticas pedagógicas no ambiente educacional. As Auxiliares de Sala ocupam um lugar essencial nas instituições de ensino, atuando no apoio direto às crianças, no cuidado cotidiano, na mediação de relações e na organização das práticas pedagógicas. São profissionais que, embora desempenhem funções indispensáveis, permanecem muitas vezes (in)visibilizadas no contexto escolar.

Além dessas indagações, percebemos que, apesar das Auxiliares terem um papel fundamental na sala de aula e na instituição pública e privada, no geral, essa função pouco se é abordada em pesquisas ou disciplinas facultativas, como diz Pinheiro (2017, p. 19):

Apesar de ter atuado como auxiliar durante 4 anos, este cargo nunca foi abordado como temática de estudo durante minha formação acadêmica, ainda que os professores e gestores do Curso de Pedagogia soubessem que os estudantes eram contratados para esta função. Nenhuma das disciplinas do currículo do curso de Pedagogia, incluindo Educação Infantil, que se tratava de uma disciplina optativa na época, fez menção sobre este profissional. As discussões acadêmicas tratavam mais enfaticamente sobre os professores e, eventualmente, a outros profissionais, mas nunca sobre as Auxiliares.

Assim como o exemplo desse escrito de Pinheiro (2017), observamos que ao longo de nossa formação em Pedagogia, não tivemos profundas discussões sobre a

importância de ter a profissional Auxiliar de Sala como protagonista das atividades pedagógicas na Educação Infantil e em outras áreas da educação. Então, é atrelado a esses fatores que nos juntamos e pensamos na proposta dessa pesquisa, que visa conhecer os pensamentos e indagações das profissionais que parecem estarem escondidas(os) nos muros da escola ou pouco visíveis nas discussões educativas.

Observamos na nossa vivência enquanto Auxiliares de Sala na Educação Infantil, que essas trabalhadoras enfrentam desafios que vão desde a sobrecarga de funções, os baixos salários e a ausência de reconhecimento institucional até condições estruturais precárias, além de relações de trabalho marcadas, frequentemente, pela desvalorização. Esses fatores geram impactos diretos sobre sua atuação no trabalho, o que reverbera na qualidade do trabalho desenvolvido e na dinâmica escolar como um todo. É necessário considerar que a atuação dessas profissionais está diretamente ligada ao processo de ensino e aprendizagem, pois são elas que garantem, muitas vezes, um ambiente acolhedor, afetivo e organizado, fundamental para o desenvolvimento das crianças.

Diante das nossas experiências como Auxiliares de Sala, consideramos oportuno compartilhar um pouco sobre os processos vivenciados no estar nessa função:

Eu, Leidy Dayana da Silva, trabalho como auxiliar na Educação Infantil de escola particular desde 2023, quando iniciei com uma turma de 4 e 5 anos. Lembro-me que minha turma contava com 16 alunos, dentre eles alguns com TEA, mas que não tinham suporte particular de nenhum profissional na sala. Então eu tinha que “dar conta” de todos os alunos e ainda sim ajudar a professora nos outros afazeres. Além disso, a limpeza da sala no início da manhã, antes das crianças chegarem, e no término da aula, quando eles iam embora para casa, também ficava por minha conta mesmo que a escola contasse com uma profissional contratada para a limpeza da escola.

Para além disso, muitas vezes fui designada para outras funções que não eram minhas, como substituir professora em outra turma, resolver questões com mães e pais fora do meu horário de trabalho - como quando, muitas vezes, precisei resolver conflitos que chegavam até a mim por meio de *whatsApp*, pois a professora não estava disponível naquele momento. Mas eu tinha que resolver enquanto assistia aula

no Departamento de Ciências Humanas - Campus III da Universidade do Estado da Bahia - DCH III - UNEB - e até ter que, no mesmo dia, dar suporte em duas salas diferentes para duas professoras. Tudo isso, sem receber nenhum valor simbólico no dia do meu pagamento. E foi por essas questões financeiras que resolvi procurar outra instituição de ensino para trabalhar, que é a que estou atuando no momento.

Entre nessa instituição no mês de setembro do ano de 2024. Iniciei trabalhando com mais uma colega de profissão e a professora regente da sala. Essa instituição é conhecida como *Montessoriana* e por isso, tem toda uma rotina diferente do que estava acostumada, mas não recebi nenhum preparatório da escola para atuar lá, somente comandos falados pela professora regente.

Nessa instituição, trabalho no turno matutino, onde iniciei com turmas de 14 alunos e atualmente com 16 alunos, de 1 ano e meio a 2 anos e meio de idade. Assim como também fui designada a fazer funções que não eram destinadas a mim: ficar em tempo integral sem receber hora extra, ter que conviver com profissionais da educação que estavam sobrecarregadas e estressadas e que acabavam se comunicando de maneira a apresentar estresse e ignorância, levar trabalho para casa para serem cortados, colados e montados por mim e ter que participar de reuniões de planejamento aos sábados, onde somente as professoras ganham por hora extra e nós auxiliares não. Além de que nunca somos levadas em consideração quando se trata de planejar junto com as professoras que regem a sala em que trabalhamos, mesmo que conheçamos os alunos e o ambiente escolar. Fora o fato de que não temos nossa carteira assinada e só ganhamos meio salário mínimo (R\$759,00, durante a escrita deste memorial).

Para além disso, percebi que adquiri problemas físicos no meio dessa sobrecarga, com dores na minha coluna e dores nas pernas por ficar em pé a manhã toda e o não reconhecimento dos pais dos alunos, que consideram somente o agradecimento a professora.

Eu, Maria Victoria Silvestre Fernandes Miranda, Auxiliar de Sala em atividade na Educação Infantil, iniciei minhas experiências nesse campo de trabalho em 2023, revelando muitas complexidades, sobrecargas e as (in)visibilidades inerentes dessa função que servem como base motivadora para esta investigação.

Atualmente, estando numa instituição diferente da inicial citada anteriormente, essas vivências pessoais me oferecem uma perspectiva privilegiada sobre o cotidiano das auxiliares, destacando a tamanha precariedade laboral e as dinâmicas relacionais no ambiente escolar.

A primeira experiência ocorreu em 2023, em uma escola particular, onde atuei como auxiliar em uma turma do Maternal II (com crianças de aproximadamente 2 anos), e apesar da presença de outras duas auxiliares, a sobrecarga de tarefas era evidente: o cuidado com rotinas diárias, a mediação de interações e suporte pedagógico excediam as capacidades do grupo, resultando em uma redistribuição abrupta de minhas responsabilidades e, posteriormente, em uma mudança de sala, culminando em uma dispensa sem aviso prévio ou justificativa formal. Essa vivência inicial mostrou a instabilidade laboral e a ausência de suporte institucional que caracterizam o papel das auxiliares, embora eu não atue mais nessa escola, essa fase moldou minha compreensão das tensões invisíveis no dia a dia educacional.

Em 2024, fui convidada para atuar como auxiliar em uma turma de 3 anos, em uma escola *Montessori* privada, onde as demandas se intensificaram ainda mais. A professora regente limitava-se predominantemente à ministração das aulas formais, delegando a mim integralmente as tarefas de cuidado e manutenção, incluindo a troca de fraldas, a execução de atividades práticas e a limpeza diária da sala de aula. Permaneci na posição por um ano letivo inteiro, aprendendo os princípios montessorianos na prática, por meio de interações informais com as regentes, que frequentemente careciam de tato e paciência para orientações claras. Essa troca de interações reforçou a assimetria hierárquica, onde meu papel era reduzido a um suporte operacional, sem integração plena aos processos pedagógicos, o que comprometeu minha atuação como profissional e destacou a sobrecarga como fator de exaustão emocional.

No início de 2025, transferida para outra turma na mesma instituição (com crianças de 2 anos) eu enfrentei não apenas a persistente sobrecarga, mas também graves problemas de comunicação interpessoal. A professora regente adotava uma postura grosseira e rude, o que inibiu minha capacidade de colaboração efetiva e gerou conflitos que impactaram o ambiente de trabalho. Após sete meses, solicitei e obtive um reajuste, sendo realocada para uma sala com crianças menores, entre 1

ano e 8 meses a 2 anos completos, onde continuei a aprender por imersão, sem prévia orientação sobre as especificidades da abordagem de Maria Montessori.

Essas experiências subsequentes, todas em contextos não previamente informados quanto às condições laborais, revelaram a (in)visibilidade das auxiliares de sala não apenas em termos institucionais, mas também nas relações cotidianas, onde a falta de diálogo e reconhecimento perpetuam ciclos de desvalorização e aprendizado autodidata.

Essas vivências pessoais marcadas por precariedade, relações desiguais e a ausência de formação continuada, fundamentam a necessidade dessa pesquisa em amplificar as vozes das auxiliares de sala, transformando percepções vividas em contribuições teóricas e práticas para uma Educação Infantil mais equitativa.

Quando a saúde mental dessas profissionais é negligenciada - como evidenciado nas exaustões emocionais, estresses interpessoais e impactos físicos relatados em nossas trajetórias - todo o processo educativo também sofre consequências. A falta de suporte emocional, a desconsideração das suas necessidades no planejamento escolar e a inexistência de espaços institucionais de cuidado geram um cenário de adoecimento, no qual surgem casos de estresse, exaustão emocional, ansiedade, depressão e síndrome de *burnout*.

Para Freire (2023, p. 63) o ato de educar exige, antes de tudo, o exercício constante do cuidado, do acolhimento e do respeito à dignidade dos sujeitos envolvidos no processo educativo. Essa reflexão reafirma que o cuidado não deve ser destinado apenas aos alunos, mas a todos os profissionais que integram o espaço escolar, especialmente aquelas que historicamente, permanecem (IN)visibilizadas, como as Auxiliares de Sala. Sendo assim, discutir o papel das Auxiliares de Sala, sob uma perspectiva pedagógica, não é apenas uma questão de bem-estar individual, mas uma necessidade coletiva, que impacta diretamente na construção de ambientes escolares saudáveis e humanizados.

Posto a isso, o trabalho aqui descrito é de cunho qualitativo e descritivo, tendo como objetivo compreender como as Auxiliares de Sala da Educação Infantil percebem sobre suas funções, condições de trabalho, relações interpessoais e aprendizagens. Para isso, foram convidadas cinco auxiliares de escolas particulares do município de Juazeiro-BA que atuam na Educação Infantil há, pelo menos, um ano.

Portanto, buscamos descrever o trabalho por elas desenvolvidos no cotidiano escolar, identificando quais são os fatores que contribuem ou podem contribuir para a (IN)visibilidade das profissionais e ao final, elaboramos um *ebook* com seus relatos e suas produções, contendo um desenho demonstrando como se veem nessa função, usando pseudônimos de personagens de desenhos infantis escolhidos por elas.

1.1 AUXILIAR DE SALA: papel (in)visibilizado na Educação Infantil

Quando falamos de Educação Infantil, pensamos nela como o primeiro contato da criança na sala de aula e comunidade escolar e a primeira separação do seio familiar que ela faz parte, bem como é parte integrante da educação básica. O artigo 29, da seção II da LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - (lei nº 9.394/1996), nos traz a concepção de que:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Nela, a criança irá aprender a socializar, ter autonomia sobre si e a se relacionar com o outro na sala de aula, o que contribui na ampliação das experiências interativas nos espaços sociais. Esse ensino deve se alinhar com o que ela recebe em casa pelos seus responsáveis. Por isso, é importante que os responsáveis acompanhem a rotina escolar nessa primeira etapa da vida escolar.

A Educação Infantil atualmente é pensada e estruturada usando os requisitos propostos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que conta com cinco campos de experiências para garantir o desenvolvimento da criança nesse processo inicial de escolarização. Assim, garante na modalidade de Educação Infantil, que os educandos tenham experiências no brincar, conviver, participar, explorar, conhecer a si e o outro e expressar-se durante sua rotina na sala de aula (Brasil, 2018).

Ao adentrar esse espaço, a criança irá conviver com outras crianças, com a professora regente que normalmente planeja, avalia, executa, e com a profissional dita Auxiliar, contratada pela escola para ajudar essa professora, cuidar dessas crianças e manter o ambiente limpo e organizado. Quando consultamos o dicionário, a função “Auxiliar” é definida como:

1. Que auxilia, que presta ajuda; ajudante.
2. Capaz de socorrer, acudir, prestar assistência, dar proteção.
3. Quem oferece ajuda, assessorando outra pessoa no seu trabalho ou contribuindo de alguma forma; assistente ou assessor.
4. Indivíduo de funções secundárias na realização de um trabalho ou atividade.

Mas quando pensamos nos profissionais que atuam na sala e ajudam nesse processo educativo, não encontramos citações das auxiliares de sala (dizemos, aqui, auxiliares de sala, mas que também são conhecidos (as) como auxiliares de classe, estagiárias, auxiliar de turma, ajudante...) na BNCC, documento que orienta a educação brasileira na atualidade. Assim como não é citada ou estudada nos nossos processos formativos da graduação, que trata somente dos professores e dos outros profissionais da educação. Mesmo sabendo que trabalhar na função de Auxiliar de Sala é muitas vezes o que faz com que obtivemos nosso primeiro contato para com a sala de aula e na rotina escolar como um todo. Vemos na prática como as docentes com maior experiência atuam e resolvem conflitos e especificidades, antes mesmo até dos estágios obrigatórios da grade curricular da faculdade (Pinheiro, 2017).

Porém, essa atuação como primeiro contato na sala de aula, nos é entregue mas sem a devida preparação pela escola, particular ou pública, o que nos faz entrar nesse trabalho sem entender qual é nossa função, como mediar conflitos e até onde vai nossa participação nos planejamentos escolares. Pois, as escolas exigem nossa participação em reuniões com o corpo administrativo e com os pais, mas não considera nossa participação no planejar das aulas, dos projetos ou das mudanças que ocorrem no ambiente. Muitas vezes, as escolas consideram somente o conhecimento de higiene para com a criança, ou o suporte físico para a carga de trabalho, sem se explicar as outras funções para além desse cuidado, como diz Pinheiro (2017, p. 22) na realização de uma pesquisa voltada a essa temática:

Nas entrevistas para estágio, as perguntas tinham como finalidade “descobrir” o nível de envolvimento com crianças, de conhecimentos relacionados à troca de fraldas, banho etc. Muitas outras indagações eram feitas, mas nenhuma delas relacionadas a conhecimentos sobre planejamento, rotina de Creche e Pré-Escola, organização do ambiente educacional ou acerca do desenvolvimento da primeira infância. Assim, o que parecia ser indispensável para contratar uma Auxiliar de Educação Infantil era ter, sobretudo, disponibilidade física e empatia pelas crianças.

Para além dessa problemática, percebe-se que a questão trabalhista, envolvendo direitos perante a lei, também não favorece as auxiliares, que em muitas instituições, trabalham com maior carga horária que as professoras, porém recebem

menos que as mesmas, bem como não tem garantia de carteira assinada em muitos casos e conseqüentemente, são demitidas, trocadas de função ou não tem seguridade de ganho de horas extras, caso ocorra reuniões ou deslocamento para seu local de trabalho fora do horário que se é dito durante o processo de admissão.

Considerando esses fatores, as auxiliares são frequentemente esquecidas e/ou ignoradas pelos pais dos alunos ou pela instituição a qual fazem parte, onde muitos pais somente consideram que as dúvidas sobre seus filhos e sobre como foi a rotina do dia seja somente dirigida para a professora regente da sala, considerando que seu papel de auxiliar seja somente de higiene da criança ou do cuidado que se é necessário quando muito pequenas ou com especificidades, pois suas funções são ligadas a esse fato somente, quase como babás com outro nome (Jesus, 2021).

O que se predomina nos âmbitos educacionais é a hierarquização das professoras em sala. Seja por questões de carga horária de trabalho, remuneração, divisão de tarefas ou formação (Cerisara, 1999). Percebemos que muitas delas consideram-se superiores no que diz respeito à rotina da sala para com as Auxiliares, por estarem a mais tempo atuando como regentes nessa função. Assim como, levando em consideração nossa experiência em estágio curricular obrigatório, muitas delas se sentem “incomodadas” pela presença das estagiárias que chegam na instituição. Não se sabe ao certo quais os porquês desse receio, mas o que vemos é a desmotivação que as professoras pronunciam, como: “se eu fosse você, desistia de ser professora”, ou “vocês estão empolgadas agora, quero ver quando forem trabalhar como professora se vão continuar nessa empolgação toda”, ou colocam em dúvidas se realmente devemos seguir nesse rumo, quando ouvimos “tem certeza que é isso que você quer? Hoje em dia é péssimo ser professor”.

Se o conceito de *práxis*, reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo (Freire 2023) nessa função é deveras importante, muitas vezes ficam imersas na rotina da nossa atuação, pois para que a aula ocorra da maneira que a professora planejou, nós auxiliares precisamos preparar todo o material que será utilizado durante a atividade. O que faz com que não consigamos participar da rotina real das crianças e com isso, não praticamos o que tanto vimos nas aulas do curso de Licenciatura em Pedagogia. Mas quando essa professora precisa se ausentar, quem assume a turma são as Auxiliares, que muitas vezes, são jogadas para assumir a sala de aula sem conhecer a rotina da turma em questão. Diante desse cenário nos

indagamos: Como fazer um bom trabalho quando não se pode atuar enquanto a professora está presente? Como saber a melhor forma de ensinar uma atividade ou ajudar uma turma inteira de um dia para o outro? Fica o questionamento.

1.2 DO LAR À SALA DE AULA: Origens históricas da (in)visibilidade e sobrecarga das auxiliares na Educação Infantil

Historicamente, sabemos que a inserção das mulheres ao mercado de trabalho foi por meio da escravização de mulheres negras, em condições de liberdade ou não, com mão de obra gratuita ou barata. Com o passar do tempo, as jovens adolescentes foram ensinadas a serem inseridas nesse âmbito de trabalho por meio de trabalhos domésticos nas casas dos senhores com um maior poder monetário, onde muitas dessas jovens vieram de lares rurais, e foram inseridas muito novas, com 12 anos ou menos. Como cita Zibetti e Pereira (2010, p. 3):

A entrada de muitas adolescentes pobres no mundo do trabalho ocorre via emprego doméstico, uma vez que desde a infância são submetidas a uma espécie de treinamento especial para o exercício destas funções, fornecido pelas mães, avós, tias ou qualquer outra figura feminina próxima.

Sabendo dessa problemática, vemos que não é difícil encontrar relatos como esse, pois muitas vezes estão inseridas no nosso meio, com as histórias contadas por nossas mães ou avós que saíram das casas dos pais para trabalhar na cidade.

A partir dessa perspectiva, muitas estudantes de Licenciatura em Pedagogia veem que atuar como Auxiliar de Sala pode ser uma excelente oportunidade de conviver no ambiente escolar com os sujeitos que são protagonistas do espaço educacional. Assim, ao serem inseridas nesse trabalho, elas consideram que poderão aprender na prática os aspectos que são abordados nas teorias que estudam na graduação. E em troca disso, utilizam o que aprenderam no ato de cuidar de seus irmãos, primos, sobrinhos com suas mães, avós, tias que é o cuidado para com a criança, a limpeza do ambiente, a higiene dessas crianças e o acolhimento quando necessário. Mas encontram um ambiente opressor, dominado por hierarquias e desmotivação por quem está nesse ambiente a mais tempo, causando receios, cansaço e adoecimento. Sendo assim, as auxiliares passam a considerar esse trabalho unicamente como forma monetária, usado para se manter na universidade, principalmente de pessoas que se deslocam da sua cidade para estudar em outra.

No trabalho das Auxiliares de Sala, a sua (IN)visibilidade está precisamente relacionada ao conceito de trabalho invisível, que se refere às tarefas de cuidado e suporte que, embora sejam essenciais para o funcionamento da escola e para o desenvolvimento das crianças, são frequentemente subestimadas, menosprezadas e desvalorizadas socialmente. Tais tarefas - que são majoritariamente exercidas pelo gênero feminino - são historicamente invisíveis, o que contribuiu grandemente para a falta de reconhecimento formal e institucional dessas funções/profissões. Como aponta Chamon (2005, p. 152.), essa invisibilidade não é acidental:

A mulher era considerada como detentora de vasta experiência no âmbito doméstico [...] e, por todas essas características e habilidades, como mulheres se profissionalizaram ideias para a construção dessa nova cultura escolar. Embora essas habilidades tenham sido silenciadas — em nome do discurso repetitivo e estereotipado das relações entre a mulher e a sua afinidade no trato com as crianças, entre a sua ‘vocação natural’ e a sua superioridade afetiva —, o capitalismo necessitava do trabalho feminino por motivos ardilosamente negativos.

Sendo assim, o que se apresenta como “natural” ou até mesmo como sendo “afetivo” na atuação das auxiliares de sala é, na realidade, uma forma histórica de exploração do trabalho feminino, mascarada por discursos que silenciam a complexidade e a sobrecarga dessa atuação. Essa naturalização, porém, não fica apenas no plano simbólico: ela deságua diretamente na sobrecarga cotidiana que essas trabalhadoras carregam nos seus corpos. Como lembram Zibetti e Pereira (2010): “Esta sobrecarga evidencia aspectos culturais que se mantêm nas relações familiares, os quais levam as mulheres a assumirem as mesmas demandas que lhes eram atribuídas antes de ingressarem no mercado de trabalho”.

Ou seja, as Auxiliares chegam na escola já cansadas das tarefas invisíveis do dia a dia nos seus lares e lá, dentro da sala de aula, elas encontram outra camada de trabalho invisível - trocar fraldas, lidar com crianças adoecidas, mediar conflitos, limpar brinquedos, limpar o ambiente - que nunca consta no planejamento pedagógico e muito menos na grade de horário, mas que é imprescindível para que a aula aconteça. Agravado pelos baixos salários, esse ciclo impede que elas compensem a dupla jornada por meio da terceirização do trabalho doméstico, como conseguem fazer professoras de maior remuneração. Tal precariedade não é apenas econômica, é temporal, corporal e psíquica, produzindo exaustão crônica e afetando diretamente o clima da sala de aula - um ambiente tensionado, de pouco acolhimento, que também impactam no bem-estar e no desenvolvimento das crianças.

1.3 “QUEM MANDA AQUI?”: A instabilidade contratual e relações hierárquicas na Educação Infantil

As relações de poder e hierárquicas são forças invisíveis que atravessam todos os encontros sociais, e são estudadas por autores como Foucault (2006), Bourdieu (2001) e Althusser (1985). Quem detém esse poder exerce autoridade e controla o outro e quem não o detém fica à mercê de quem manda. Esses embates e conflitos moldam o funcionamento da sociedade e se reproduzem também dentro da escola, definindo quem pode falar, quem deve calar, quem decide e quem apenas executa. Segundo Foucault (1987, p. 119):

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência), refletindo a política cotidiana de controle e subordinação nos espaços escolares.

Pierre Bourdieu (2014) aponta que a escola reproduz e legitima as desigualdades sociais ao valorizar um conjunto específico de conhecimentos e habilidades ligados aos grupos dominantes, produzindo uma “violência simbólica” que marginaliza os saberes e experiências daqueles que não fazem parte desse grupo, como as Auxiliares de Sala. Essa hierarquização social é invisível, mas atua no cotidiano escolar ao definir quem tem autoridade e reconhecimento para agir e falar.

Louis Althusser (1985, p. 79) afirma que:

[..] a escola se encarrega das crianças de todas as classes sociais desde o maternal, e desde o maternal ela lhes inculca, durante anos, precisamente durante aqueles que a criança é mais ‘vulnerável’, espremida entre o aparelho do Estado familiar e o aparelho do Estado escolar, os saberes contidos na ideologia dominante (...) ou simplesmente a ideologia dominante em estado puro (moral, educação cívica, filosofia).

Assim, a escola atua como um aparelho ideológico do Estado, reproduzindo a ordem social vigente e as hierarquias dentro do espaço escolar. A divisão entre o “ensinar” e “cuidar” é reproduzida dentro da escola sob a forma de uma hierarquia rígida onde a professora regente detém o poder pedagógico formal - ela planeja, avalia, representa a turma diante das famílias e da direção - enquanto a Auxiliar de Sala é destinada ao universo das tarefas consideradas “complementares”: trocar as fraldas, higienizar os materiais, limpar o ambiente, intervir em conflitos. Essa separação de tarefas não é neutra, ela converte o trabalho da auxiliar em atividade “invisível” e, portanto, totalmente desqualificada, sustentando um regime de poder cotidiano que a mantém em posição subordinada.

Os gestos rotineiros reforçam diariamente essa tal assimetria: a convocação exclusiva das regentes para reuniões de pais, a necessidade da Auxiliar pedir licença para sair da sala enquanto a docente dispensa justificativas, e até mesmo em momentos de entrega de atividades ou de devolutiva às famílias as regentes pedem para que as auxiliares “não falem primeiro” ou que “aguardem do lado de fora”, evitando, oficialmente, “contradições” sobre um mesmo aluno. Na prática, o procedimento evita que a opinião da auxiliar entre em evidência, mantendo intacta a imagem de que “quem conhece e avalia” é apenas a professora. Essa narrativa encontra inclusive um respaldo legal no Artigo 13 da LDB, que atribui a docente regente total responsabilidade pelo desenvolvimento das atividades no âmbito da sala de aula, bem como das ações que envolvem os processos que ocorrem nesse espaço, pois é ele o profissional habilitado, conforme a legislação. (Brasil, 1996).

A norma, embora seja voltada para a garantia da qualidade pedagógica, é invocada de maneira estratégica para invalidar o saber cotidiano da auxiliar, convertendo-a em mera executora das diretrizes da docente. Como resume Oliveira (2010), o trabalho docente “carrega uma especificidade e implica a ocupação de um lugar profissional [...] constituído na luta pela afirmação da docência como profissão”. Ao não integrar a Auxiliar nessa categoria, o sistema mantém seu trabalho como ocupação, sempre como subordinada, e não como profissão, garantindo que a assimetria aqui citada permaneça intacta.

Diante desses apontamentos, é perceptível que a hierarquização perpetuada na sociedade ultrapassa também o campo educacional, decaindo no campo entre aluno-professor e se apresentando no campo profissional professor-auxiliar. Isso acaba fazendo com que o trabalho das Auxiliares de Sala se torne (in)visíveis pela escola, pelas políticas públicas e pela sociedade.

1.4 NAS PESQUISAS, AS PERSPECTIVAS: O que ela nos revela até aqui

No decorrer da escrita deste memorial, bem como das pesquisas bibliográficas, percebemos que as mulheres no mercado de trabalho têm suas histórias marcadas por lutas pelos seus direitos trabalhistas em uma sociedade marcada pelo patriarcado. Esse sistema, que constantemente (IN)visibiliza seu trabalho, suas contribuições e

seu papel na sociedade, é uma herança histórica profunda. Conforme aponta o trecho de Macedo e Amaral (2005, p. 145).

O patriarcado constitui-se a partir da concentração de recursos e propriedade nas mãos dos homens, definindo um sistema de heranças ligados a uma genealogia por via varonil. As mulheres, sendo-lhes atribuído um papel essencialmente circunscrito a casa, foram marginalizadas em relação às instituições de poder político, de transmissão de conhecimento e de formação profissional.

Essa configuração histórica cimentou a exclusão feminina da esfera pública e produtiva, reservando à essas mulheres o domínio privado e a subordinação. É por isso que, mesmo com a inserção massiva das mulheres no mercado de trabalho formal, as desigualdades de gênero como: a disparidade salarial e a dificuldade de ascensão a cargos de liderança, persistem como resquícios dessa estrutura de poder secular.

A luta por direitos trabalhistas e visibilidade é, portanto, uma batalha contínua contra o legado patriarcal que tentou, por séculos, confinar o feminino e desvalorizar sua contribuição para além do lar. A persistência dessa lógica hierárquica é evidente quando analisamos a estrutura das relações de trabalho em setores historicamente ligados ao cuidado e à educação, os quais se tornaram feminizados e, por consequência, desvalorizados.

Vimos que a hierarquia das relações de trabalho perpassa, também, nas relações de gênero, relações econômicas e de experiência, chegando nos espaços educacionais formais. Essa mesma lógica de marginalização que atribuiu papéis circunscritos às mulheres, é a que, por sua vez, desvaloriza as auxiliares de sala, trabalhadoras que ainda estão em formação acadêmica. Essa desvalorização não é apenas salarial, mas se estende ao reconhecimento de sua experiência e contribuição profissional no ambiente pedagógico.

Percebemos, também, que essa (IN)visibilidade das Auxiliares de Sala decai sobre as pesquisas que são iniciadas no âmbito educacionais, silenciadas nas pesquisas de cunho acadêmico (nos trabalhos de conclusão de curso, nas teses, nas dissertações...) ainda que a grande maioria dessas pesquisadoras tenham iniciado a carreira nos espaços educacionais auxiliares, assim como nós, autoras deste memorial, que somos. Vimos que existe um número escasso de trabalhos com essa

temática, valorizando somente as professoras nesses espaços, perpetuando ainda mais essa (IN)visibilidade.

Mas esse fato vai para além, compreendemos nas pesquisas, como já citado anteriormente, que essas profissionais também não são abordadas nas aulas dentro da universidade, ainda que a mesma tenha ciência que a grande parcela dessas estudantes esteja atuando ou irão atuar nessa função.

As Auxiliares de Sala, ainda que tenham um papel importante no funcionamento da escola, da sala como um todo e dos cuidados diretos com as crianças, são desmotivadas e desvalorizadas na sua atuação. Têm seus papéis confundidos com de babás, pelos pais dos alunos, e/ou esquecidos pelo corpo administrativo das escolas. Além do que são marcados pela baixa remuneração, ainda que tenham a mesma carga horária das professoras colegas de trabalho.

Por isso, reforçamos que esse trabalho tem grande importância no processo de reconhecimento de atuação dessas profissionais, trazendo suas percepções como objeto principal deste trabalho, bem como cita Jesus (2018, p. 12):

[...] conhecer a identidade profissional das auxiliares de classe possibilitará a compreensão de como essas mulheres se percebem no exercício da sua função, a relevância social do seu trabalho e quanto a função do cuidar é importante para o desenvolvimento da criança.

Assim, consideramos que não há ninguém mais importante que uma Auxiliar de Sala para falar da sua (in)visibilidade atuando como Auxiliar de Sala. O ato de dar voz a essas profissionais, que por muitas vezes são silenciadas pela estrutura hierárquica e acadêmica, é o cerne ético e político desta pesquisa. Deste modo, o nosso trabalho se consolida como um contraponto ativo à (IN)visibilização, transformando as narrativas individuais em um instrumento de visibilidade coletiva e em um chamado urgente à valorização e ao reconhecimento social e pedagógico do trabalho dessas mulheres na Educação Infantil.

2. METODOLOGIA

2.1 AS AUXILIARES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Quando chegamos no sétimo período do curso em que estudamos - Licenciatura em Pedagogia, sabíamos que precisaríamos escolher um tema de nosso interesse de pesquisa para o TCC - Trabalho de Conclusão de Curso -, requisito essencial para colar grau nos cursos de graduação.

Numa conversa informal, no início do ano de 2025, percebemos que tínhamos (e ainda temos) uma questão em comum: somos Auxiliares de Sala atuando na Educação Infantil de uma escola particular na cidade de Juazeiro-BA. Lembramos, também, das indagações que nossas colegas de profissão, do nosso ambiente de trabalho, traziam quando tínhamos um tempo de descanso (que normalmente é na hora do almoço). Eram falas que muitas vezes se pareciam com a nossa, como: “me sinto cansada, hoje tive que me virar para dar conta de tudo enquanto a professora fazia o planejamento da próxima aula”, “estou cheia de dores nas costas”, dentre outras falas. Daí, percebemos que juntas poderíamos trazer nas nossas pesquisas, problemáticas que tivessem imbricadas na nossa profissão atuante, trazendo também relatos de “quem vive na pele” os percalços da rotina escolar na visão de auxiliar.

Além desses fatores, percebemos que essa profissão é considerada, quase sempre, o primeiro emprego das nossas colegas de classe (e de trabalho) na área da educação. Muitas delas, escolheram o curso de Licenciatura em Pedagogia através do fato de já atuarem como Auxiliar de Sala, pois sim, muitas escolas não levam em consideração no ato de contratação se a profissional já está no curso. Ou, nos anos iniciais do curso de Pedagogia, muitas delas adentram na sala de aula inicialmente como Auxiliares de Sala, antes até dos estágios supervisionados que constam na grade curricular do curso. Elas veem essa oportunidade de emprego como forma de conhecer o cotidiano escolar de perto, aprender na prática o que estuda na universidade e até utilizar o valor que recebe para pagar a mensalidade do curso, enquanto estudantes de faculdades privadas.

No período de escrita deste memorial, muito se foi pensado em qual seria a melhor forma de dar voz às participantes desta pesquisa. Inicialmente, queríamos trazer para o centro do debate deste estudo a sobrecarga mental dessas Auxiliares de Sala, mas que depois de termos sido orientadas pela nossa orientadora Profa. Ma.

Clara Maria Miranda de Sousa, entendemos que a questão da saúde mental está mais associada ao campo da Psicologia (fica aqui, nossa sugestão de estudo para os estudantes do curso de Psicologia). Então, de acordo com o que queríamos trazer, levando em consideração nossa experiência enquanto auxiliares, foi-se pensado na questão da (IN)visibilidade que cercam esse ambiente de trabalho.

Sendo assim, o presente trabalho caracteriza-se como uma abordagem qualitativa, por buscar compreender as percepções e experiências de Auxiliares de Sala atuantes na Educação Infantil a partir de suas próprias histórias e vivências. De acordo com Minayo (2001, p. 21), a pesquisa qualitativa “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”, o que nos dá a possibilidade de interpretar diversas realidades subjetivas construídas pelos sujeitos em seus contextos sociais.

Participaram do estudo cinco (05) Auxiliares de Sala em efetivo exercício na Educação Infantil, atuando em instituições privadas. A escolha das entrevistas semiestruturadas, como também das participantes foram intencionais, considerando o tempo de atuação e a disponibilidade para participar das entrevistas, uma vez que, segundo Lunetta (2024, p. 9):

As entrevistas semi estruturadas são mais flexíveis e adaptáveis às respostas dos entrevistados. Nesse caso, o pesquisador tem liberdade para explorar novos temas e seguir diferentes direções durante a entrevista, de acordo com as informações fornecidas pelo participante.

Assim, entendemos que o uso desse método de coleta de dados na pesquisa tornou esse momento de escuta das participantes muito mais leve, onde todas ficaram livres para se expressar sobre suas alegrias, anseios e opiniões, sem que se tornasse um momento engessado. Isso contribuiu imensamente para que conheçamos o ponto de vista delas enquanto Auxiliares na Educação Infantil, bem como contribuiu para a escrita deste trabalho.

2.2 OS INSTRUMENTOS DE COLETAS DE DADOS

Para essa pesquisa foram utilizados quatro instrumentos principais: o questionário sociodemográfico, o roteiro de entrevista, a entrevista semi estruturada e o diário de campo.

O questionário sociodemográfico buscou coletar informações de caráter sociodemográfico e profissional das participantes da pesquisa, de modo a compreender o perfil das Auxiliares de Sala atuantes na Educação Infantil. As respostas foram utilizadas apenas para fins acadêmicos e de pesquisa, garantindo o sigilo e o anonimato das participantes.

A entrevista semi estruturada foi conduzida com base em um roteiro montado e construído com questões norteadoras que visam favorecer a livre expressão das participantes e a construção de um diálogo reflexivo sobre as suas experiências como Auxiliares de Sala na Educação Infantil.

Consideramos, também, que o uso do diário de campo ajuda-nos a entender etnograficamente os resultados das nossas entrevistas como forma de observar e sistematizar o processo de coleta de dados como um todo (Cachado, 2021. p. 553).

As entrevistas tiveram duração máxima de 40 minutos, totalizando assim 3h e 20 minutos, realizadas em um momento acordado com as participantes, individualmente ou em grupo, num ambiente tranquilo e acolhedor. Com a devida autorização, as suas falas foram gravadas, anotadas e transcritas integralmente para melhor análise.

2.3 ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA:

Este roteiro buscou investigar as percepções e vivências das Auxiliares de Sala da Educação Infantil, compreendendo como percebem seu trabalho e os desafios de (IN)visibilidade presentes em seu cotidiano escolar. Antes do início da entrevista, foi oferecido à participante a possibilidade de realizar um desenho representando “como é ser Auxiliar de Sala na realidade em que você está”. Esse recurso foi utilizado como um estímulo, um ponto de partida para a conversa.

2.4 AS PARTICIPANTES DAS ENTREVISTAS:

Esta pesquisa de natureza qualitativa foi composta por cinco Auxiliares de Sala, todas atuantes em instituições privadas de Educação Infantil localizadas no município de Juazeiro da Bahia. Buscou-se um grupo que pudesse expressar a complexidade

do cotidiano da função, com as entrevistadas sendo identificadas por seus pseudônimos, para que pudéssemos garantir a proteção de sua identidade e a confidencialidade de suas falas.

Tabela 1 - Identificação das participantes

| IDENTIFICAÇÃO | IDADE |
|---|---------|
| Madeline – Desenho de 1993 – Auxiliar de Sala 1 | 24 anos |
| Aurora – Bela Adormecida – Auxiliar de Sala 2 | 23 anos |
| Bela – A Bela e a Fera – Auxiliar de Sala 3 | 23 anos |
| Luna – O show da Luna – Auxiliar de Sala 4 | 21 anos |
| Stacie – Irmã mais nova da Barbie – Auxiliar de Sala 5 | 19 anos |

Fonte: Elaborada pelas pesquisadoras, 2025.

Após a apresentação inicial do perfil de identificação e da faixa etária das Auxiliares de Sala participantes, a análise se volta para o perfil profissional e acadêmico dessas sujeitas, elementos esses que são cruciais para a compreensão das suas percepções sobre a função. Nota-se que a maioria das entrevistadas está inserida em um processo de formação superior, sobretudo na área de Licenciatura em Pedagogia, o que confere um olhar duplo sobre sua atuação: A vivência prática do cuidado e a perspectiva teórica da educação. O tempo de atuação na função, que varia entre 1 a 3 anos, garante-lhes uma experiência consolidada, porém em fase inicial de carreira, em um contexto de notória carência de formação específica, conforme detalhado na Tabela 2:

Tabela 2 - Formação e tempo de atuação

| IDENTIFICAÇÃO | FORMAÇÃO PRINCIPAL | TEMPO DE ATUAÇÃO COMO AUXILIAR DE SALA |
|------------------------------|------------------------|--|
| Madeline (Auxiliar 1) | Graduanda em Pedagogia | 1 ano |
| Aurora (Auxiliar 2) | Graduanda em Pedagogia | 1 ano e meio |

| | | |
|----------------------------|------------------------|--------|
| Bela (Auxiliar 3) | Graduada em Pedagogia | 3 anos |
| Luna (Auxiliar 4) | Graduanda em Pedagogia | 2 anos |
| Stacie (Auxiliar 5) | Ensino Médio Completo | 1 ano |

Fonte: Elaborada pelas pesquisadoras, 2025.

Todas as auxiliares possuíam um tempo significativo de experiência na sua função, o que nos permitiu uma análise de suas percepções sobre a hierarquia escolar, a precariedade laboral e a desvalorização do trabalho de cuidado, fundamentais para a coleta das vivências que compõem a análise deste trabalho. A escolha por esse perfil garante que as falas coletadas refletem as percepções de profissionais que estão, simultaneamente, vivendo a precarização e buscando uma identidade profissional docente

2.5 ANÁLISE DE DADOS

Para analisarmos cuidadosamente os resultados obtidos durante o processo de coleta das falas das participantes, utilizamos a Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2016).

Bardin (2016), determina que a análise de conteúdo se configura como um conjunto de instrumentos metodológicos que visam transformar a informação verbal em categorias temáticas, possibilitando uma interpretação mais aprofundada e o desvendamento crítico dos conteúdos analisados.

O método de Bardin permitiu a esse estudo e a essa pesquisa, que tem como objetivo desvendar o papel (IN)visibilizado das Auxiliares de Sala, cumprir a função primordial da Análise de Conteúdo: a de desvendar o conteúdo dos discursos.

A fase de exploração do material, que envolve a codificação, o recorte e a agregação das falas, nos revelou que a (IN)visibilidade dessas Auxiliares está intrinsecamente ligada a fenômenos recorrentes em seu cotidiano. Por meio da

análise, foi possível transformar o material verbal em categorias temáticas que refletem a complexidade das vivências das participantes.

A fase de tratamento e interpretação dos resultados permitiu agrupar essas falas em três categorias centrais que estruturam a discussão a seguir:

Tabela 3 - Categorias centrais

| Categoria temática principal: | Descrição do foco: |
|---|--|
| A hierarquização e a redução ao suporte operacional | Foco na subordinação da Auxiliar de Sala, na distinção salarial, na exclusão do planejamento pedagógico (plano de aula/formação) e na percepção de ser apenas uma "ajudante" e não uma profissional. |
| A sobrecarga e o desvio de função no trabalho (IN)visível | Foco na exaustão física e mental, na absorção das demandas de cuidado e higiene (troca de fraldas, limpeza de vômito/fezes) e na extrapolação da carga horária sem remuneração. |
| A precariedade laboral e a busca por a sua identidade docente | Foco na informalidade contratual, sem carteira assinada, na baixa remuneração como única motivação para o aceite da função, e na visão da experiência como um "aprendizado" para futura docência, equilibrada pela satisfação afetiva com as crianças. |

Fonte: Elaborada pelas pesquisadoras, 2025.

O desdobramento das entrevistas nessas três categorias temáticas apresentadas na Tabela 3 - Categorias Centrais, não é um procedimento meramente classificatório, mas sim o cerne da interpretação crítica proposta por Laurence Bardin.

Este processo de categorização, nos permitiu transformar os relatos singulares dessas cinco Auxiliares em um painel de evidências concretas, conferindo visibilidade analítica àquilo que é estruturalmente invisibilizado no cotidiano escolar (BARDIN,

2016). A partir desta matriz categorial, torna-se possível examinar, em detalhes, como a precarização do trabalho, a lógica hierárquica e a desvalorização do trabalho feminino se manifestam diretamente nas falas das participantes, fornecendo o arcabouço necessário para a discussão aprofundada que se segue.

Para que ocorra uma melhor observação dos resultados, separamos os dados obtidos em categorias que nos ajudaram a sanar as percepções da pesquisa nessa função trabalhista, fundamental para que nosso trabalho tenha cumprido seu percurso de finalização. São elas: **QUEM É A ATRIZ PRINCIPAL? RELAÇÕES ENTRE AUXILIAR E PROFESSOR REGENTE:** A hierarquização e a redução ao suporte operacional; **CONDIÇÕES DE TRABALHO:** A sobrecarga de funções e o trabalho invisível feminino; **FORMAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA FUNÇÃO:** A precariedade laboral e a desvalorização financeira; **QUEM REALMENTE SOU? DESAFIOS DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE:** A busca pela identidade docente e a gratificação afetiva.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O material obtido através das cinco entrevistas semiestruturadas com as Auxiliares de Sala (Madeline, Aurora, Bela, Luna e Stacie), participantes de instituições privadas do município de Juazeiro-BA, nos permitiu desvendar como a (IN)visibilidade dessas profissionais está intrinsecamente ligada à precarização do trabalho, à hierarquização rígida no ambiente escolar e à desvalorização histórica do trabalho feminino. A pesquisa, de cunho qualitativo e descritivo (Minayo, 2001), busca transformar essas percepções vividas em contribuições teóricas e práticas para uma Educação Infantil mais equitativa, visto que a atuação dessas profissionais é essencial para garantir um ambiente acolhedor, afetivo e organizado, fundamental para o desenvolvimento das crianças.

3.1 QUEM É A ATRIZ PRINCIPAL? RELAÇÕES ENTRE AUXILIAR E PROFESSOR REGENTE: A hierarquização e a redução ao suporte operacional

No primeiro tópico buscamos trazer, pelos seus relatos, suas percepções sobre como se veem nessa relação entre professor - Auxiliar - gestão escolar. Percebemos que as respostas variam entre “*Tranquilo*” (Bela) ou entre “*A relação com a professora regente é maravilhosa. Principalmente com a professora. Ela me ensinou bastante coisa. Com a gestão, não tenho muito contato. O contato é pouquíssimo*” (Stacie), apresentando passividade. Também ouvimos que:

A relação que a gente tem é boa. Eu consigo dialogar bem com ela. A gente consegue se entender bem. Com a equipe gestora, eu tenho mais contato com a coordenação ou a coordenadora. Mas a gestora em si também tem muito valor. Só que eu só tenho um pouco de contato. (Luna)

É boa a minha relação com ela. Tipo, a gente tem uma coisa de parceria. Ela é aquela pessoa que realmente sabe... Meio que entende qual é a minha função ali. Ela fala, ó... Você pode ficar tranquila, porque eu sei que a sua função aqui é auxiliar as duas alunas. Então, tipo assim... Desde o começo, ela deixou bem claro que a minha função ali dentro era essa. Então, eu não tive que me preocupar em pensar em outras atividades para fazer com essas alunas. Eu não tive que me preocupar em, tipo assim... Meu Deus, como é que eu vou fazer para... Não, ela não me deixou à toa na sala me virando com elas. Ela me ajuda bastante nesse processo, né? Como eu disse, ela planeja tudo, me passa tudo direitinho. A gente tem bastante parceria dentro do ambiente escolar. (Aurora)

Mas que também podem aparentar divergências ou distanciamento:

Minha situação é só de, como se dizia, colega. Porque é cada um por si. Quando você está trabalhando na escola, é cada um por si. Então você tem que fazer o seu papel, independente do outro. Então a relação muitas vezes não é muito das melhores, mas eu tinha que fazer o meu papel. E com a diretora e com a coordenadora, eu só me relaciono quando é para tirar alguma dúvida ou falar de alguma questão que eu preciso falar, conversar. Só isso. (Madeline)

Nessa fala, percebemos a presença de uma hierarquia rígida, que muitas vezes colabora na colocação das Auxiliares em posição subordinada perante a professora regente e até mesmo da gestão. Nas respostas das entrevistadas, pode ser visto que quando se percebem na função de Auxiliar de Sala elas revelam que se sentiam “perdidas” pois chegam na prática sem entender onde e como devem atuar, mas que, com o passar do tempo, se encontram enquanto profissionais na função:

Olha, no começo foi bem difícil, né? Eu nunca tive experiência na Educação Infantil antes dessa, em sala de aula. Também até como auxiliar. Então, assim que eu cheguei, eu ficava um pouco em dúvida do que eu tinha que fazer, de como seria realmente o meu papel ali dentro e tudo. Mas hoje eu me encontro muito sendo auxiliar. Eu gosto muito de ser auxiliar. Ainda existe essa confusão, às vezes, de papel, por exemplo: Às vezes me pedem para ir lá no portão, ficar lá. Às vezes eu tenho que limpar a sala, que não é uma função minha. Às vezes eu tenho que substituir professor, que também não é uma função minha. Mas hoje eu me encontro porque, desde o ano passado, eu estou auxiliando uma criança que tem autismo. Então, eu tenho visto como eu estou auxiliando muito na aprendizagem dela, como eu estou contribuindo para o desenvolvimento dela. Então, assim que eu cheguei, ela só ficava deitada na sala, não participava de nenhuma atividade. E hoje não, hoje ela tem toda uma rotina. Ela chega, ela sabe que tem que tirar o material da bolsa, ela sabe que tem que tirar o suco, ela sabe que tem o momento da atividade, dela brincar. Então, tipo assim, eu acho que ser auxiliar hoje, para mim, diante disso, está sendo muito...Como é que se diz? Gratificante. (Aurora)

É meio cansativo, para ser bem sincera com você, mas eu gosto, assim, vou preferir quando eu for professora, né? E eu ter uma auxiliar. O trabalho de auxiliar é meio cansativo, porque fica querendo ou não, as demandas da sala vai toda para você. Mas é prazeroso também ter o carinho das crianças. (Luna)

Me sinto bem, mas não é fácil ser Auxiliar de Sala. É um pouco complicado e às vezes é estressante, pois muitas vezes os alunos não obedecem, justamente pelo fato de você ser auxiliar e não um professor, né?. No entanto, vale a pena receber o carinho deles. (Stacie)

A divisão de tarefas, que destinam o poder pedagógico formal à professora regente (planejar, avaliar) e as tarefas "complementares" (trocar fraldas, higienizar materiais) à auxiliar, é uma hierarquia rígida que converte o trabalho da auxiliar em

atividade "invisível" e desqualificada. Essa estrutura sustentada por um regime de poder cotidiano mantém a auxiliar em posição subordinada.

Madeline, expressa que, devido ao próprio nome (Auxiliar de Sala), as pessoas na escola as veem como alguém que *"não é uma pessoa tão profissionalizante, que tem alguma habilidade assim reformada, mas é só uma auxiliar, só para auxiliar mesmo."* e não como profissionais, o que justifica, em sua visão, a diferença salarial. O sistema, em última instância, mantém o trabalho da auxiliar como uma ocupação, sempre como subordinada, e não como uma profissão de fato, que é perceptível para as participantes *"Ah, então, existe sim diferença. Muita diferença mesmo. A gente que é auxiliar deveria receber muito mais pelo trabalho que tem, a gente tem mais trabalho que o professor regente."* (Luna), também dito por Bela:

Sim, existe sim". "Sim. Desgaste". "Porque as auxiliares fazem mais trabalho do que o próprio professor. Eu acho que às vezes o professor coloca tudo... Muita demanda nas costas da auxiliar. E às vezes não leva em consideração que ela não pode estar exercendo as tarefas, que ela (professora) que devia fazer.

As Auxiliares Stacie e Aurora consideram perceptível essa diferença de trabalho entre docente e Auxiliar, mas consideram que a maior parte do trabalho se deságua na docente ou que é cansativo para ambas (Auxiliar e professora):

Eu percebo uma diferença comum. Uma diferença é que a criança não respeita tanto a auxiliar, enquanto a professora ela respeita, escuta. No entanto, em relação ao trabalho das duas (auxiliar e professora), não tem muita não. Tem uma certa diferença ali. Mas não é muito não. E é puxado para as duas. Apesar da professora ter aquele planejamento todo a auxiliar fica muito sobrecarregada fazendo as coisas. Ela tem muito trabalho no dia. Ela tem muitas coisas. É um pouco, assim, trabalhoso". (Stacie, 2025)

Eu acho que a carga de trabalho delas, de certa forma, é maior que a minha. Por exemplo, elas têm a obrigação de, tipo, planejar a aula, eu não faço isso, elas planejam atividades, eu também não faço isso, elas levam atividades para casa quando é necessário, eu também não faço isso. Por exemplo, elas têm a obrigação de estar nos eventos da escola, eu também não tenho obrigação. Tipo assim, não há coisa que é imposta, você tem que ir. Sempre dizem, se você puder ir, vai ser bom. Tipo, nas reuniões de pais, eu também não, frequentemente eu não participo. Então, tipo assim, a carga de trabalho delas, de certa forma, é maior que a minha. Então, eu acho que isso acontece por isso, né, essa diferença salarial. E também pelas atuações, são diferentes, né? Elas estão ali, como a gente dá sala para todos os alunos e, tipo assim, é como eu falei, elas têm todo um trabalho a mais do que eu como auxiliar. Então, eu acho que é por isso que acontece. E como isso me afeta, na verdade, eu acho que não me afeta. Porque, tipo assim, eu entendo muito que, tipo, eu não estou desempenhando o mesmo papel delas, então eu recebo menos por causa disso. Acho que é isso. (Aurora)

As hierarquias ocorridas no ambiente escolar, que separa o "ensinar" voltado totalmente ao professor regente, do "cuidar", destinado a auxiliar, alinha-se à teoria de Pierre Bourdieu (2014) sobre a "violência simbólica". Ao valorizar um conjunto específico de conhecimentos (o planejamento pedagógico formal) em detrimento dos saberes e da experiência da Auxiliar de Sala, a escola reproduz e legitima as desigualdades sociais. A Auxiliar Luna percebe essa distinção claramente:

Eu acho que a maior diferença é realmente a questão das reuniões que os professores têm participado. De formação. Que eu não tive nenhuma até agora com auxiliar. E em questão mais de estar no plano de aula. De fazer o plano de aula. (Luna).

A Auxiliar Madeline percebe que essa hierarquia acaba beneficiando as professoras, ainda que ambas trabalhem no mesmo ambiente:

Eu percebo que os professores são mais beneficiados do que os auxiliares. O professor tem que ser beneficiado, sim, mas o auxiliar também tem que ser beneficiado. Porque ele também está ali trabalhando, fazendo o seu esforço ali, trabalhando da mesma forma que o professor está trabalhando. Então da mesma forma que o professor faz o esforço, o auxiliar também faz. (Madeline)

A assimetria ainda é reforçada pela legislação, que atribui somente ao professor a responsabilidade pelas atividades e processos na sala de aula, dito no Artigo 13 da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional). Essa narrativa encontra um respaldo legal que atribui ao docente regente da turma a responsabilidade única pelo desenvolvimento das atividades no âmbito da sala de aula, bem como das ações que envolvem os processos que ocorrem nesse espaço, pois é ele o profissional habilitado, conforme a legislação. (Brasil, 1996).

Essa norma, embora seja voltada para a garantia da qualidade pedagógica, é invocada de maneira estratégica para invalidar o saber cotidiano da auxiliar, convertendo-a em mera executora das diretrizes da docente. Ao não integrar a auxiliar nessa categoria, o sistema mantém seu trabalho como uma ocupação, sempre como subordinada, e não como uma profissão, garantindo que a assimetria aqui citada permaneça intacta.

3.2 CONDIÇÕES DE TRABALHO: A sobrecarga de funções e o trabalho invisível feminino



Um dos nossos instrumentos de pesquisa foi a utilização de desenhos com a intencionalidade de “como é ser Auxiliar de Sala na realidade em que você está”. Na imagem ao lado, vemos o desenho de Madeline uma representação visual da contradição que define o que é ser Auxiliar de Sala enquanto estudante de Pedagogia.

Nesse desenho, visualizamos a Auxiliar limpando a sala, com a aparência descabelada, símbolos explícitos da sobrecarga, desvio de função e da exaustão física e mental inerentes à precariedade laboral, enquanto veste a farda do curso de Pedagogia.

A ironia deste desenho é que Madeline faz isso vestindo o seu uniforme da faculdade de Pedagogia. Tal contradição mostra como quem está buscando se qualificar e ser uma professora, acaba sendo empurrada para outras tarefas e que não são de sua responsabilidade legal. A imagem, portanto, ilustra a falha na organização do trabalho da escola, onde a profissional da educação é obrigada a se desdobrar em várias outras profissões.

Essa ilustração nos insere em mais um tópico que consideramos importante abordar que é suas percepções acerca das condições de trabalho que elas estão inseridas. Percebemos que o perfil predominante das entrevistadas aponta para a intersecção entre a necessidade laboral e o projeto formativo. A maioria das auxiliares está cursando Licenciatura em Pedagogia, e a função de Auxiliar de Sala é vista como uma porta de entrada para o mercado de trabalho na área, ou, em muitos casos, a única fonte de renda para custear os seus estudos na universidade, como citado por elas:

O que me levou a iniciar nessa função foi porque eu estava desempregada... eu recebia apenas 300 reais de auxílio da faculdade e eu não tinha mais nenhuma outra renda, então, como eu não tinha nenhum emprego, essa foi a chance que apareceu para eu trabalhar, né, foi o meu primeiro trabalho,

assim, e aí... foi porque realmente eu estava precisando, né, precisando de um trabalho, de um emprego. (Madeline)

Na verdade, eu fui indicada para essa função. E aí, na época, eu tinha acabado de sair do PIBID, e também estava sem essa questão do dinheiro, estava precisando. E aí, surgiu essa oportunidade. Eu disse, ó, eu vou lá ver como vai funcionar, né? Se vai dar certo, vou tentar essa primeira experiência. E aí, eu fui. E foi mais por essa questão mesmo, de, tipo, ter um auxílio... Auxílio financeiro, assim, para me manter na faculdade, para me manter... Isso. (Aurora)

Para poder entrar na profissão mesmo, para ter uma experiência, para quando eu for atuar como professora, já ter uma experiência em sala de aula. E.. é.. dinheiro! Viver a vida sem dinheiro é difícil, né? A gente precisa ter uma renda. É bem, é pouco, mas é dinheiro. (Luna)

Ainda que não curse nenhuma graduação, a auxiliar Stacie também considera como uma oportunidade financeira: *“O que me levou foi o fato de estar desempregada e ter surgido a oportunidade para poder ser Auxiliar de Sala. Eu topei e estou gostando dessa experiência nova”*. Já a auxiliar Bela nos enfatiza que trabalhar no ambiente escolar vem do exemplo familiar: *“Meu irmão é professor também. Me incentivou a ser professora também. Que é o que mais me emprega na cidade.”*

Mas o fator da não especificação, por parte da escola contratante, de sua função no cotidiano escolar transforma as Auxiliares reduzida a um "suporte operacional" ou uma funcionária "coringa", que tem que estar à disposição para qualquer função que seja realocada, mesmo que sem aviso prévio ou preparação. Quando perguntadas sobre desvios de função, Madeline nos diz que: *“Quer dizer, sim, na questão de limpar a escola, né? Porque isso não era minha função, é função da pessoa que está lá para fazer isso. Porque tem uma pessoa que está na escola justamente para fazer isso.”*. Stacie diz que *“Nunca tive”*. Bela diz: *“Às vezes também faço trabalhos que não é para um auxiliar fazer. Como imprimir atividades fora da sala de aula.”* Aurora indaga:

Eu acho que no início, até por eu também não entender qual era bem a minha função, né? Como eu disse, eu ficava, tipo, no portão. Tem uma pessoa que era a responsabilidade dela ficar no portão. Mas aí ela dizia: oi, Aurora, não pode ficar aqui no portão um pouco pra mim, não?. Aí, ela me deixava no portão e sentava e ficava mexendo no celular, eu lá no portão. Outra função que eu também fazia, assim que eu cheguei, era os diários dos alunos. Isso é uma função do professor.

Até a diretora me passou isso. Um dia ela me viu fazendo, ela me deu uma bronca. Ela disse: ó, não é sua função não, viu? Pode deixar que é função da professora. A partir desse dia, a professora começou a fazer. Também, outra coisa que eu fazia...Essa questão de limpar a sala. Antes, eu limpava. Hoje,

não. Só quando eu quero. E essa questão também de substituir o professor. Eles me pediram, ano passado, umas duas vezes. Só que hoje eu não faço mais. Hoje faltam professores e eles não chegam até mim para pedir. Eu não sei o porquê, né? Se perceberam que eu não gostava de alguma coisa do tipo, não sei. Mas hoje eu não faço mais. Eu ainda faço com a professora da minha sala. E ainda acho errado também. Porque, às vezes, a professora da sala tem que faltar por algumas questões. E ela acaba me mandando mensagem: Ah, mulher, aí você avisa a diretora. Avisa a diretora que hoje eu não vou poder ir por isso e por isso. Aí eu, tá, bom. E muitas vezes, não deixa planejamento. Então, eu tenho que me virar o que fazer com os alunos, durante todo o tempo da aula. E ainda, mandar, atividade para casa, essas coisas. Essa questão ainda, às vezes, acontece. Tipo, eu sei que eu estou como auxiliar, mas essa não é uma obrigação minha, né? Se ela faltar, outra pessoa poderia assumir a sala e não eu. (Aurora)

Essa dinâmica se enquadra nas relações de poder e hierárquicas que atravessam os encontros sociais e são analisadas por autores como Foucault (2006), Bourdieu (2001) e Althusser (1985). A fala de Aurora é uma evidência clara de como a ausência de uma definição de função, que é claramente uma falha institucional da escola contratante, transforma a Auxiliar em uma funcionária "coringa", onde a sua disponibilidade para o trabalho é entendida como subordinação automática. A citação mostra que a própria auxiliar precisa aprender, por tentativa e erro e, por vezes, pela repreensão da gestão, como no caso dos diários, o limite do seu papel. O desvio de função narrado de ficar no portão, fazer diários, limpar a sala e, principalmente, substituir a professora sem planejamento, revela uma lógica de poder disciplinar (FOUCAULT, 2006), onde a Auxiliar é constantemente vigiada e tem seu trabalho moldado pelas demandas de quem detém o poder regente, a professora e a gestora.

Esta precariedade de definição e a conseqüente absorção de tarefas alheias reforçam a hierarquização e a sobrecarga da categoria, transformando-a em uma mão de obra flexível, mas desvalorizada, que sustenta o funcionamento da escola sem o devido reconhecimento de sua responsabilidade e sem a remuneração condizente. A atuação de Aurora quando recusa a assumir funções que não lhe cabem ("Hoje eu não faço mais"), é um ato de resistência contra o papel de "suporte operacional" imposto pela estrutura.

Segundo Foucault (1987, p. 119), a disciplina fabrica corpos "submissos e exercitados" que refletem a política cotidiana de controle e subordinação nos espaços escolares. No ambiente educacional, a escola atua como um aparelho ideológico do Estado, reproduzindo essa ordem social vigente e as hierarquias.

Enquanto a professora regente tem o foco na ministração das aulas formais, a auxiliar lida integralmente com as tarefas de cuidado e manutenção. Madeline nos conta que:

As funções que eu faço é justamente levar as crianças para ir no banheiro, trocar fraldas, observar elas enquanto a professora saía para resolver alguma coisa, observar no parquinho, na hora do lanche e é isso, é só isso, a minha função é essa e limpar a sala quando eu precisasse, né, limpar, aí eu limpo, mas não é uma coisa obrigatória, assim. (Madeline)

Bela conta que sua função "*É... Ajudar a professora nas tarefas, na hora do lanche também. E... Realizar a atividade junto.*". Já Luna e Stacie falam que:

Tirar a garrafa da bolsa, guardar a garrafa das crianças, cuidar dos materiais da criança, né?... Guardar, repor água, trocar a fralda, limpar a criança, organização e limpeza da sala, dar o lanche. E eu ainda faço a agenda lá, né? Então tem a agenda também. E se precisar, a gente também dá a explicação para a aula. (Luna)

Eu auxilio a professora nas demandas das atividades com as crianças. Eu ajudo em tarefas como se a criança vai sair, tomar água ou ir ao banheiro. Ajudo também no básico e a fazer a agenda. Quando a professora está presente, eu ajudo mais a ter o controle ali da sala de aula. (Stacie)

Madeline considera que o auxiliar "*pega o trabalho mais pesado*", como trocar as fraldas de todas as crianças e acompanhá-las ao banheiro, tarefas que o professor não executa e nem ajuda. Esse excesso de trabalho inclui a responsabilidade por tarefas de higiene que são consideradas as mais desagradáveis e que, na visão das auxiliares, não deveriam fazer parte de sua função.

Luna detalha em sua entrevista o seu desconforto em tarefas como a limpeza das roupas das crianças após acidentes com fezes ou vômito, para ela, essas são tarefas que "*não cabe às auxiliares*": *A única coisa que realmente me incomoda é a limpeza das roupas da criança. Porque se a criança faz cocô ou xixi na roupa, a gente tem que limpar tudo. Eu acho que isso não cabe às auxiliares. E o vômito também, né?..." (Luna)*

Essa sobrecarga evidencia aspectos culturais que se mantêm nas relações familiares, os quais levam as mulheres a assumirem as mesmas demandas que lhes eram atribuídas antes de ingressarem no mercado de trabalho (Zibetti; Pereira, 2010).

Essa junção de tantas tarefas essenciais, mas desagradáveis e desvalorizadas, que além de tudo são diárias e repetitivas, conectam-se diretamente ao conceito de

trabalho invisível. Esse conceito refere-se às tarefas de cuidado e suporte que, embora sejam essenciais para o funcionamento da escola, são frequentemente subestimadas, menosprezadas e desvalorizadas socialmente.

O trabalho de cuidado, majoritariamente exercido pelo gênero feminino, é historicamente invisível, o que contribuiu grandemente para a falta de reconhecimento formal e institucional dessas funções. O que é apresentado como "natural" ou "afetivo" na atuação da auxiliar é, na realidade, uma forma histórica de exploração do trabalho feminino, mascarada por discursos que silenciam a complexidade e a sobrecarga dessa atuação.

Como aponta Chamon (2005, p. 152.), essa invisibilidade não é acidental, pois o capitalismo necessitava do trabalho feminino por motivos ardilosamente negativos. As auxiliares chegam na escola já cansadas das tarefas invisíveis do dia a dia nos seus lares e lá, dentro da sala de aula, elas encontram outra camada de trabalho invisível, como higiene e limpeza, que se repetem durante dias e turnos inteiros, mas que nunca consta no planejamento pedagógico, sendo, contudo, imprescindível para que a aula aconteça.

No campo de trabalho, algumas delas nos contam que essa (IN)visibilidade decaiu na sua forma de admissão, pois levando em consideração seu vínculo existente com a escola atuante, elas vivem na incerteza de seus direitos e sua continuação empregatícia. Quando perguntadas sobre a forma admissional nessa profissão das participantes, Madeline diz: *“Trabalho sem contrato, sem nenhum vínculo. A escola nunca tocou no assunto para fazer um contrato ou assinar minha carteira”*. Assim como enfatiza Aurora: *“Nenhuma das opções (nem contratual, nem carteira assinada) e nunca falaram em assinar minha carteira. Nem meus documentos exigiram no início”*. Porém, Bela diz: *“Só contrato. Carteira assinada é entre conjunto com a diretora e a coordenação. Com a reunião que eles fazem, na verdade. Se querem assinar ou não. Pelo trabalho e esforço também.”*. Luna vive o mesmo dilema: *“Não, estou aqui com contrato assinado. Não acho que a escola leve em consideração assinar a carteira, tem outras profissionais que trabalham aqui a mais tempo que eu e não assinaram.”* E completamos essa discussão com a fala de Stacie, que todas, é a única *“com carteira assinada”*.

Indagamos a entender se elas se sentem reconhecidas pelo trabalho que fazem e ouvimos falas como: “Às vezes, sim.. Às vezes” (Bela). Luna enfatiza: “Não, até tem, mas não é aquele, ‘ah, meu Deus, quanto reconhecimento’, é mais vindo da coordenação. Tem um pouco. Mas no geral não é muito não.”. Madeline nos conta que:

Não, porque eu acho que a diretora, a coordenadora e outros professores não olham a gente como se fosse um profissional mesmo, sabe? Eu acho que eles olham a gente como se fosse algum ajudante e nada mais. Então, se eles valorizassem mesmo a pessoa, acho que o nosso salário seria o mesmo, né, dos outros professores, mas não é, essa é a realidade. (Madeline)

Stacie considera que a escola não valoriza ambos os profissionais:

Me sinto reconhecida, mas não tanto. Eu acho que falta mais essa empatia pelos auxiliares e também pelos professores. Sinto que não é muito tão reconhecido o trabalho deles. É muito trabalho, puxa muito para as professoras e automaticamente puxa também para as auxiliares. (Stacie)

Já Aurora considera que seu trabalho é reconhecido pela professora e pela escola:

Sim, eu acho que esse ano eu tenho muito esse reconhecimento. Dentro da escola, pela professora regente da sala, ela sempre coloca nas atividades que vão para casa, meu nome lá como professora também, no grupo da escola, em todos os comunicados, ela faz questão de dizer, ó, os alunos da Aurora, meus... E aí, também, quando a mãe da aluna, principalmente dessa que eu comentei sobre o desenvolvimento dela, entra em contato elogiando, dando parabéns, ela fala, ó, não é um trabalho só meu, é um trabalho também de auxiliar, porque, tipo assim, por mais que eu faça as atividades, quem desenvolve com ela é auxiliar, não sou eu. Quem está ali acompanhando todo o processo dela, quem pega no pé e diz, ó, não é assim, tem que ser dessa forma, quem colocou essa regra nela, esse jeito... Ela está se desenvolvendo também, é ela. Então, tipo, eu tenho esse reconhecimento por parte da professora, principalmente a gente, e também da diretora, ela sempre fala, tipo assim, que gosta do meu trabalho, sempre elogia, sempre quando está na parte do pagamento, ela chega, ela fala, ó, estou gostando bastante, os pais estão muito felizes com o desenvolvimento das crianças, que você está auxiliando, e eu vejo esse reconhecimento, tipo assim, e dos outros profissionais também, eles falam, nossa, como as meninas mudaram depois que você chegou aqui. Então, eu acho que tem, sim, esse reconhecimento.

Entendemos nessa discussão, que esse caminho do reconhecimento encontra percalços. Ainda que Aurora se sinta reconhecida, percebemos que a maioria das participantes não sentem esse reconhecimento, o que pode gerar desmotivação na sua forma de trabalho, como problematiza Gomes (2019, p. 02):

[...] para que ele (o homem) haja de forma coerente com a finalidade do trabalho, ele precisa ter o reconhecimento pelas suas atividades para que se sinta motivado a continuá-las de forma prazerosa, pois a satisfação com as atividades laborais parte da relação que o homem tem com o seu ambiente de trabalho e a hierarquia que a ele comanda.

Perguntamos sobre a forma em que elas foram inseridas na escola que trabalham e se a escola levou algo em consideração no momento de admissão, elas nos respondem que:

Houve uma pequena entrevista com a coordenadora da escola. Onde fui informada sobre o salário e a faixa etária das crianças (3 a 4 anos). Eu não fui apresentada à escola e não a conhecia; apenas cheguei, fui até a sala, vi qual seria e foi isso. Sinceramente, a escola não levou nada em consideração na minha admissão. Entrei por indicação de uma menina que trabalhava lá. (Stacie)

Nenhum documento. Eles só, tipo assim, perguntaram meu nome, essas informações, qual era a minha experiência já na área. Eu falei que, na época, eu participei do PIBID, né, e participava, assim, de projetos da faculdade, mas não tinha experiência realmente em sala de aula. E aí eles disseram que eu estava contratada, aí me deram informações sobre o salário, e isso. Depois de um ano eu lá, eu acho que dois meses atrás, foi que a secretária da escola entrou em contato comigo para me pedir, tipo, meus documentos, essas informações mais formais mesmo, mas de início nada. (Aurora)

Enquanto Bela diz: *“Fui contratada formalmente. A escola pede que tenha vínculo com alguma universidade e faculdade.. É.. Que esteja cursando Pedagogia”*. Assim como Luna: *“Formalmente, me pediram os meus documentos e inclusive os documentos da faculdade em que estudo o curso de Pedagogia”*.

Dessa forma a análise das condições de trabalho revela uma contradição bastante forte e marcante, a função de Auxiliar de Sala é procurada tanto por a sua urgência financeira quanto por seu potencial como experiência formativa para a docência futura. Conforme foi demonstrado pelos relatos unânimes das participantes, essa inserção laboral ocorre em um contexto de precariedade do sistema que rege a escola, marcada também pela informalidade contratual, como vivenciado pela maioria das Auxiliares e pela baixa remuneração. Esta precariedade é agravada pela exigência imposta para a Auxiliar da sua atuação como uma "funcionária coringa", na qual a falta de especificação clara da função leva ao constante desvio de função. Esse desvio inclui tarefas de portaria, burocráticas e, notadamente, de limpeza, e à absorção integral do trabalho invisível (Zibetti; Pereira, 2010), concentrado nas demandas mais pesadas e muitas vezes desagradáveis de higiene e cuidado.

3.3 FORMAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA FUNÇÃO: A precariedade laboral e a desvalorização financeira



Aqui, observamos inicialmente os desenhos de Stacie e Bela. O desenho de Stacie, ilustra a dimensão da precariedade: o custo emocional e o conflito de sentimentos, simboliza a ambiguidade do trabalho onde existe a paixão (o coração), a fé (cruz) e a gratificação ao cuidar das crianças. É o sentimento de que o trabalho é importante, mas a valorização profissional e financeira não vem, não acontece, gerando um desgaste constante, ainda que seu coração tenha fé no amanhã.



A desvalorização fica ainda mais forte no desenho de Bela que foca na estagnação do potencial profissional. Bela utiliza a metáfora da árvore com frutos secos e cores pálidas para mostrar como ela se sente atualmente como Auxiliar de Sala: sem crescimento, sem vida e sem conseguir colher os frutos do seu esforço. Em contraste, a sua árvore com frutos vivos e cores fortes é como ela se vê quando estiver atuando como professora. O fato de Bela já ser formada em Pedagogia torna o desenho ainda mais crítico, o cargo de Auxiliar não só oferece um salário baixo, mas impede que profissionais qualificadas atinjam seu potencial, transformando a experiência em estagnação e frustração em vez de desenvolvimento, fazendo essa profissional desacreditar de si e das suas capacidades.

A sobrecarga física e a falta de reconhecimento são agravadas pela precariedade laboral. A informalidade e a instabilidade contratual são evidentes, já que as auxiliares relatam não terem carteira assinada, serem contratadas de forma informal e terem pouco ou nenhum vínculo jurídico com a escola.

Essa precarização se manifesta na disparidade salarial. Bela questiona a diferença de remuneração, afirmando que "as auxiliares fazem mais trabalho do que o próprio professor" e que este, às vezes, coloca "muita demanda nas costas da auxiliar". Além disso, há a exploração do horário de trabalho, onde a professora vai embora e a Auxiliar fica cuidando das criança até os pais chegarem, como consta nas respostas obtidas:

Sim, assim que eu entrei, eu ficava. Meu horário é de sete e meia a onze e meia. Só que, assim que eu entrei, eu ficava até meio-dia, meio-dia e dez, porque uma das alunas autistas ia embora tarde. A mãe chegava nesse horário, mais tarde. E como ela era muito agitada, ficava correndo, ficava dando trabalho, aí eu ficava com ela até a mãe chegar, né? Tipo, eu tinha medo dela se machucar, alguma coisa acontecer no momento que eu fosse embora. E aí eu ficava com ela até o momento da mãe chegar. Isso foi no ano passado, até o final do ano passado, de setembro a dezembro. E aí, quando eu vim para essa outra sala, que eu continuei com a mesma aluna e tudo, a mãe continua chegando no horário além do estabelecido, né? Mas eu não fico mais. (Aurora)

Assim, já porque algumas vezes os pais das crianças demoram a chegar. E na maioria das vezes o professor vai embora e quem fica é o auxiliar olhando as crianças. Então, até que os pais das crianças cheguem, a gente tem que estar olhando. (Madeline)

Pelo turno da manhã, eu começo às sete e termino às onze e meia. Aí eu tenho o horário de almoço que é doze horas, o intervalo até doze e meia e volto pra sala do turno da tarde das uma até às cinco e meia. Fico além do horário? Sim, até seis horas. Porque os pais demoraram de buscar algum aluno e a professora teve que sair antes. (Bela)

A Auxiliar Luna embora não fique para além do horário estabelecida, enfatiza que não recebe hora extra por reuniões fora do horário de trabalho:

Eu trabalho de 6h50 às 11h45. E eu não fico além do trabalho. Porque como eu estudo então se eu ficar a mais, eu acabo perdendo aula. Então eu nunca fico. Já aconteceu de eu estar à tarde substituindo outra pessoa. Mas foi recebendo dinheiro por isso. Mas em questão de ir para reuniões aos sábados, e à noite, já aconteceu de eu ter que ir. E a gente não recebe nada a mais por isso. (Luna)

A escola em que elas atuam é considerada por elas um momento de aprendizado para sua futura atuação como professora regente. Quando perguntadas sobre o que aprenderam atuando como Auxiliar, elas nos dizem:

A única coisa que eu aprendi foram canções. Canções infantis, para cantar para as crianças. Eu não senti que ela (a professora regente) me agrega muita coisa em questão da educação. No sentido de eu ser uma professora, de como me comportar, desse jeito. Só em relação às canções que eu aprendi, porque ela sabe muitas canções. (Madeline)

Eu acho que, tipo assim... Ser auxiliar, de certa forma, vai contribuir muito para a minha formação, para quando eu for exercer uma sala, realmente, ser uma professora regente. Como auxiliar, eu percebo que eu desenvolvi muito a questão de ter um controle de sala. Tipo, por mais que eu não seja professora regente, eu tenho muito esse contato com as crianças. Então, eu consigo controlar a sala. É... Eu também melhorei muito a questão de, tipo, de me comunicar dentro de sala de aula. De me portar como uma profissional dentro de sala de aula. Então, isso contribuiu muito. Acho que é isso. (Aurora)

Eu acho que... Como dialogar com as crianças. E como trabalhar com elas. Em questões também de entender o que elas querem, a rotina que eu estou. Eu não tinha a mínima noção de como era uma rotina escolar. Eu consegui entender essa questão de como é estar realmente em uma sala de aula. E sobre a professora... depende muito da professora, tem umas que realmente ensinam. Na minha primeira experiência, a professora... era muito parceira. Com ela aprendi a como lidar com as crianças. Em questão de atividade, como montar a atividade. Como passar a explicação para as crianças. (Luna)

Assim como diz Bela: *“Eu aprendi tudo porque na prática é totalmente diferente da faculdade. Com a professora eu aprendi lidar com as crianças, um direcionamento.”*. E ainda que não esteja cursando nenhuma graduação, Stacie considera que as contribuições aprendidas nessa função também agregam na sua vida:

É ter mais paciência. Foi uma das coisas que eu aprendi. Ter mais paciência. Entender que também não é fácil. Apesar de ser criança. A gente se estressa muito fácil. E às vezes não entende o porquê. Daquela criança ser daquele jeito. Ou se já veio de casa... São muitas coisas. E com a professora regente eu aprendi a ter empatia também. Poder se colocar no lugar do outro. De ouvir. Entender. O que aquela criança está passando. O que ela quer. Ser bem paciente. Resiliente. (Stacie)

Foi unânime as respostas em questão de formação oferecida pelas escolas atuantes, onde todas responderam que *“Não”,* ou *“Nunca recebi”*. E Aurora ainda enfatiza: *“Nenhuma. Eu acho que nem os professores, na verdade, nesse período que eu estou lá, eu não vi nenhum professor recebendo nenhum tipo de formação.”*

Sabendo que no ambiente escolar existem muitas especificidades, perguntamos se a escola prepara as Auxiliares para trabalhar com esse público e garantir um ambiente inclusivo. Bela responde: *“Sim, trabalho.. Mas a escola não oferece formação, não.”*. Madeline diz: *“Sim, na minha sala tem uma pessoa, uma criança, que acho que ela tem autismo. Mas a escola não oferece formação”*. Luna nos conta: *“Lá na sala não tem nenhum aluno diagnosticado. Mas a escola, mesmo assim, não oferece formação para auxiliar.”*. Stacie e Aurora falam:

Não. Até então não chegou nenhum relacionado a esse tipo. Não na sala que eu trabalho. Mas sim, na escola tem crianças com essas especificidades, mas eu não sei se o professor ou auxiliar tem que fazer essas palestras, cursos... (Stacie)

Trabalho com duas alunas autistas. E a escola não oferece nenhuma formação. Na verdade, da parte da direção, assim, da gestão, isso é muito falho. Tipo, até em questões que a professora hoje atual, ela vai muito atrás de recurso e tudo, e nada chega, entendeu? No máximo, uma orientação. No máximo, não, faça assim e assim a atividade, pronto. Mas como é que eu vou fazer essa atividade se a gente não tem recurso? E o recurso não chega, nunca chegou. Então, a gente tem que se virar nos 30 atrás de recurso, de ideias, de outras formas de trabalhar, entendeu? (Aurora)

Daí então, percebemos que a falta de formação continuada para as Auxiliares pode tornar o processo de inclusão desse público mais lenta e dificultosa, onde as Auxiliares se sentem impotentes por não saberem como oferecer um ambiente acolhedor, respeitoso e inclusivo para esse aluno. Não aprendendo a usar estratégias, técnicas e materiais que ajudem esses alunos a se inserirem e aprenderem verdadeiramente, pois para isso, deve se levar o aperfeiçoamos dos profissionais envolvidos em consideração (Mantoan, 2000 *apud* CONCEIÇÃO e SANTOS *et al* 2021, p. 02).

Diante dessa observação, compreende-se que é de extrema importância que as escolas ofereçam estratégias para que as profissionais saibam como garantir de fato a inclusão e o desenvolvimento dos alunos com especificidades, validando o papel da Auxiliar não apenas na questão do cuidado, mas também em tudo que diz respeito a dimensão pedagógica. A falha em prover formação junto à precariedade e à disparidade salarial, reforça a marginalização do papel da Auxiliar de Sala e, conseqüentemente, compromete a qualidade da Educação Infantil como um todo. A (IN)visibilidade da função, portanto, não é apenas uma injustiça para com a trabalhadora dessa categoria, mas uma falha estrutural da instituição que precisa ser corrigida com políticas de reconhecimento e investimento.

3.4 QUEM REALMENTE SOU? DESAFIOS DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE: A busca pela identidade docente e a gratificação afetiva



O desenho de Aurora introduz o presente subtópico de forma direta ao colocar a Auxiliar de Sala no meio da cena, rodeada pelos seus alunos que a chamam carinhosamente de "Tia". Este título, embora não seja formalmente pedagógico, é a principal forma de reconhecimento que as Auxiliares recebem, especialmente das crianças com quem trabalham, validando o impacto de sua presença na vida escolar. Essa representação é importante para que se entenda a busca pela identidade docente, pois mostra que diante da exclusão do planejamento e da desvalorização salarial, o vínculo afetivo é o motor de satisfação e a prova de que seu trabalho tem valor.



O desenho feito por Luna reforça a ideia do pertencimento e da compensação afetiva, ao se desenhar com os alunos dentro de um coração, Luna simboliza a profundidade do vínculo de cuidado e a gratificação afetiva que a sustenta em sua atuação. E é nesse espaço de afeto, de entrega e de retorno emocional que essas Auxiliares de Sala encontram a validação que lhes é negada pela estrutura hierárquica e financeira da escola. Esse carinho, afeto e reconhecimento das crianças mesmo que sendo informal, são os elementos que solidificam a autoimagem como educadoras, ajudando a amenizar o sentimento de (in)visibilidade e a construir sua própria identidade docente, ainda que essa identidade não seja plenamente reconhecida pelo sistema educacional que essa profissional participa.

Apesar de todas as dificuldades citadas e encontradas durante o caminho, as Auxiliares, que em sua maioria são estudantes de Pedagogia, veem a função como um "aprendizado para ser uma professora futuramente" e como uma oportunidade de "aprender na prática". Aurora descreve que ser auxiliar a fez crescer muito como

profissional e lhe deu uma nova visão da sala de aula, mapeando um campo onde futuramente será professora regente:

É... Eu acho que hoje ser Auxiliar de Sala está sendo muito importante. Tipo, para a minha formação como profissional, como professora também, eu cresci muito como auxiliar. Eu tinha totalmente uma visão da sala de aula e isso me fez ter outra visão também da sala de aula. Então, ser auxiliar para mim hoje é tipo assim, eu estou mapeando um campo que futuramente eu estarei como professora regente, né? Então, tipo assim, conhecendo o ambiente da escola, o chão da escola de fato. Então, acho que ser auxiliar para mim é mais isso. Mas também, eu acho que como auxiliar eu tenho um papel muito importante. Porque, de certa forma, eu contribuo muito com a aprendizagem das crianças, com o desenvolvimento delas. (Aurora)

Que também é perpetuado pelas outras participantes, Bela e Madeline:

Então, para mim, ser Auxiliar de Sala significa que é uma nova oportunidade para mim iniciar uma experiência em sala de aula, que eu ia ajudar as crianças, a professora, ia conseguir entender um pouco sobre o que é ser professora, estar em sala de aula, e como eu posso praticar essa... e como eu posso vivenciar essa realidade, né, já que eu estou cursando pedagogia e eu pretendo ficar... fazer concurso e dar aulas. (Madeline)

É, aprendizado para ser uma professora futuramente, tendo experiências em sala de aula. Cansativo, demanda, muita demanda e às vezes também faço trabalhos que não é para um auxiliar fazer. É porque tem que passar pelo estágio de auxiliar, né? Para ter experiência como professora futuramente. (Bela)

Essa percepção do trabalho como campo de conhecimento prático dialoga diretamente com o pensamento de Paulo Freire. A vivência na sala de aula, ainda que em posição subordinada, transforma-se em um espaço de práxis, onde a ação e a reflexão se unem, permitindo que as futuras professoras construam seu saber a partir da experiência. Freire (1996) afirma que "Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender" (Freire, 1996). A rotina da auxiliar, portanto, torna-se um saber de experiência feito (Freire, 1987), fundamental para sua Pedagogia da Autonomia, visto que não há docência sem discência (Freire, 1996).

Já Luna e Stacie atrelam o trabalho ao ato de suporte para a professora e afeto para com os alunos:

É uma grande questão de ajudar, realmente auxiliar a professora nas atividades que ela precisa fazer, auxiliar as crianças nas questões que ele precisa, né? Eu acho o trabalho de auxiliar meio cansativo, porque fica, querendo ou não, as demandas da sala vai toda para você. Mas é prazeroso também, ter o carinho das crianças, porque quando você.. se você é uma

auxiliar querida, né? Que gosta das crianças, do que você está fazendo, elas retribuem esse carinho para você. (Luna)

Significa poder estar ali ajudando a professora com as crianças nas demandas, poder dar aquele suporte ali com as crianças, fora o carinho que a gente recebe delas, é algo muito gratificante. É a minha primeira experiência em sala de aula com crianças de 3 a 4 anos e é um momento único, apesar de ser desafiador, mas é uma experiência única, uma experiência muito única e com certeza vai ficar marcada, assim, na minha vida. (Stacie)

Percebemos assim, que mesmo com a falta de suporte institucional e a ausência de formação continuada, a maior satisfação e alegria no trabalho, que age como compensação pela desvalorização, reside na esfera afetiva e no vínculo com as crianças. Esse engajamento afetivo, manifestado no "*carinho das crianças*", relatam Luna e Stacie, e em "*ver o desenvolvimento das crianças*", diz Aurora, é o que confere sentido e resiliência ao trabalho invisibilizado. Como lembra o próprio Freire (1999), "A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem". A dimensão ética e a amorosidade no cuidado são, assim, o motor que sustenta a permanência dessas profissionais, ainda que suas condições laborais sejam precárias.

Essa afirmativa também interliga à fala de Stacie: "*A maior satisfação e alegria é o carinho deles. Quando as crianças chegam, abraça a gente, diz "Oi, tia! Como você está?". É muito maravilhoso ter essa troca ali"*. Dita também por Luna: "*Acho... Não, com certeza, o carinho das crianças. Porque eles retribuem muito. É uma coisa que me deixa muito satisfeita, porque parece que me dá uma resposta de tipo... Ah, sabe, foi muito certo, fiz direito.*". Perpetuada também por Madeline: "*Eu acho que a maior satisfação é você ver o sorriso das crianças, você ser abraçada por elas. E eu acho que a maior satisfação é delas poder conversar com você, de falar alguma coisa, alguma conversa engraçada, de poder dividir algo com elas, brincar.*". Bela considera que a satisfação se dá não só pelo aprendizado para sua atuação como docente, mas também com a relação construída com as crianças no decorrer do ano letivo: "*A satisfação é que eu aprendo cada dia mais, né? Pra ser uma boa professora futuramente. E também a relação com as crianças... Eu gosto.*". Finalizando a discussão com a percepção de Aurora:

Sem dúvida nenhuma, ver o desenvolvimento das crianças. Ver elas, de fato, aprenderem. Ver elas, de fato, socializando umas com as outras. Interagindo, participando ali da aula. Se desenvolverem mesmo. Eu acho que a educação infantil é muito esse campo das crianças. Elas terem um espaço para desenvolver, de brincar, de interagir com o outro. E eu acho que essa é a coisa que me deixa mais satisfeita. (Aurora)

Na nossa penúltima provocação, convidamos elas para responderem à pergunta de como se veem futuramente na profissão, Luna comenta: *“Eu espero que a gente seja mais valorizada. Que a gente receba mais formações, melhor salário e mais reconhecimento do nosso trabalho, que é realmente um trabalho em todos os sentidos, né...”*. Bela considera que: *“Eu imagino tentar fazer um bom papel como professora e saber lidar com as crianças, os pais e a coordenação.”*. A Auxiliar Madeline acredita que: *“Eu me imagino... Não sei, dando uma aula, sala de aula. Porque eu fiz pedagogia, né? E foi o meu curso que eu escolhi. Então, eu me imagino na sala de aula, dando uma aula, independente das circunstâncias. Mas é isso.”*. As demais participantes nos revelam que:

Eu me imagino realizada, de certa forma. Tanto pelo financeiro quanto pelas pessoas que eu vou estar conhecendo ao longo do caminho. Acho que vou me sentir muito grata e realizada, apesar de todo o trabalho e dedicação com as crianças. (Stacie)

Bom, isso é uma pergunta difícil. Mas, eu imagino que eu vou ser uma professora que, com certeza, vai tentar fazer o melhor, dar o meu melhor dentro da sala de aula, para o aprendizado, para o desenvolvimento dos alunos. Eu também vou ser uma professora um pouco chata, porque eu gosto muito de ter controle da sala, e é um pouco difícil, então eu tenho que ficar muito chamando a atenção das crianças. Mas, eu acho que dentro do ambiente escolar, eu acho que tem espaço para tudo. Tipo, tem hora de você brincar, tem hora de você lanchar, tem hora de conversar com colegas, tem hora de atividade. Então, eu sempre falo isso para os alunos, ó gente, agora não é hora disso não, é hora daquilo. Mas, podem ter certeza que, como profissional, eu me imagino um profissional que vai, de fato, se importar com o meu aluno de todas as formas possíveis. (Aurora)

Percebe-se que nas falas trazidas pelas Auxiliares participantes desta pesquisa, que elas consideram que educar é sim um ato de amor, compromisso e satisfação, defendido por Freire (1999). Elas entendem que a educação começa antes mesmo de sua atuação como docente, que perpassa o seu processo formativo, seja dentro ou fora da universidade.

Tratando do aspecto de valorização do papel delas na sala de aula, nossa última provocação tinha como finalidade compreender o que, para elas, iriam contribuir nesse processo de respeito no seu trabalho. Aurora entende que, apesar de hoje em dia se sentir valorizada, ela reconhece que outras Auxiliares do seu ciclo infelizmente não têm esse reconhecimento:

Apesar de hoje eu, de fato, fazer só meu papel mais de auxiliar, antes, assim que eu cheguei, as pessoas confundiam muito o meu papel. Por exemplo, às vezes eu ficava no portão, eu limpava a sala, já fui substituir professores em outras salas... Mas eu acho que, assim, muitas pessoas hoje enxergam o

auxiliar só como uma pessoa que está ali só para cuidar, só para prestar atenção nos alunos, e não enxergam elas como, de fato, uma pessoa que vai ajudar no aprendizado deles e tudo. Eu acho que, assim, a parte gestora, a parte da gestão, da direção, tem que ter essa conscientização, Dos professores, de toda a escola, de qual é realmente o papel do Auxiliar de Sala, tanto para os outros profissionais da instituição, como também para os pais, tipo, ó, ele está aqui para isso, está aqui para aquilo. Só que muitas vezes a gestão, de fato, não reconhece qual é o papel, não sabe qual é o papel. Eles colocam o auxiliar para o mundo. E eu falo isso porque, tipo assim, tem relato de outras pessoas que são auxiliares que, tipo assim, fazem o mundo, entendeu? E eu digo, nossa, mas no meu trabalho hoje é diferente. Tipo, eu não faço isso tudo. (Aurora)

Bela considera que essa valorização deve partir, principalmente, da professora que atua junto com a Auxiliar, assim como deve vir da gestão que contrata essa profissional: *"Eu acho que a atitude do professor e coordenação. Isso vai mais no interno de cada pessoa, de cada profissional. Porque às vezes o professor não valoriza certas atitudes que o auxiliar tem com ele em questão de ajudar, de se esforçar."*

Luna reconhece que essa valorização seria mais efetiva se a escola preparasse as Auxiliares para atuar na Sala de Aula com formações continuadas e também com melhor retorno financeiro:

O aumento do salário. Porque valorizaria demais a auxiliar. O aumento do salário valorizaria muito. E realmente a questão das formações. Eu acho que as auxiliares que chegam, principalmente na escola onde eu trabalho. Eu acho que elas precisam de uma formação. Porque quando a gente chega, a gente chega um pouco perdida. Eu espero que a gente seja mais valorizada. Que a gente receba mais formações. Receba melhor inclusive em questão de dinheiro mesmo. E que dê o devido valor a ela. Porque um professor sem auxiliar não consegue fazer o trabalho dele. Então eu acho que deveria ter esse equilíbrio aí. (Luna)

Por fim, Stacie acredita que a sobrecarga acontece pelo número pequeno de profissionais disponibilizadas pela escola comparado a um número grande de alunos por turma. Ela enfatiza: *"Deveria ter mais de uma auxiliar na sala. Mesmo tendo crianças de 3 a 4 anos, devia ter mais uma auxiliar e um professor. Por conta que ali fica muito pesado, sobrecarregado."*

Nesses diálogos, percebemos que elas trazem perspectivas de que o afeto na educação as ajuda a continuar na profissão, ainda que, muitas vezes, não se sintam devidamente valorizadas financeiramente, contratualmente ou fisicamente. Que o carinho das crianças, a evolução delas no processo educacional e a amorosidade que se constrói nesses aspectos valem a pena e motivam-nas para se tornarem futuras

professoras na Educação Infantil. Porém, compreendem que a escola deve se conscientizar e entender qual o papel delas diante da sua contratação, trazendo também melhoria de salário, formações continuadas e um número maior de funcionárias, para que o trabalho exercido se torne mais leve para todas e conseqüentemente, a sobrecarga e a exaustão sejam extinguidas.

4. PRODUTO

O produto pedagógico resultante da pesquisa, que culminou no Memorial de Produto Pedagógico para a conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), é o E-book intitulado: “Do cuidado à educação: guia prático de formação e Valorização para Auxiliares de Sala da Educação Infantil”. Este guia foi desenvolvido pelas autoras Leidy Dayana da Silva dos Santos, Maria Victória Silvestre Fernandes Miranda e Clara Maria Miranda de Sousa.

A construção do E-book se baseou na pesquisa que investigou as (IN)visibilidades de Auxiliares de Sala na Educação Infantil: percepções de “quem vive na pele”, e a necessidade de um material como este surgiu de aspectos apontados nesta pesquisa, sobre a urgência de formação específica e valorização profissional para as Auxiliares de Sala.

O guia prático tem como seu objetivo principal introduzir os profissionais que atuam como Auxiliares de Sala, ajudando-os a compreender seu papel no campo educacional e promovendo a valorização profissional. Ao longo do material, são compartilhados depoimentos das participantes da pesquisa, fundamentando os saberes importantes sobre o papel de ser Auxiliar de Sala. O E-book busca transformar as percepções vividas pelas auxiliares em contribuições teóricas e práticas para uma Educação Infantil mais equitativa.

Estruturado em diversas seções, abordando temas centrais para o cotidiano e para a valorização da Auxiliar de Sala, o E-book conta com um índice que apresenta as percepções de quem vive na pele a função e compartilha as vozes que constroem esse guia. Também inclui uma seção dedicada à saúde da Auxiliar de Sala, reconhecendo a sobrecarga de funções e os baixos salários que levam ao adoecimento físico e mental. O guia trata das relações interpessoais e o trabalho em equipe, abordando as hierarquias rígidas reproduzidas na escola, como também oferece informações cruciais sobre o desenvolvimento infantil, ressaltando que a

Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica, focada no desenvolvimento integral da criança de até cinco anos.

O conteúdo do E-book abrange também os aspectos práticos essenciais como os cuidados básicos com a criança (a higiene, a troca de fraldas e a aquisição de hábitos, por exemplo). Conta também com sessões sobre organização e rotina na Educação Infantil, atividades lúdicas e primeiros socorros. Finalizando com as discussões sobre práticas inclusivas, destacando a importância do papel da Auxiliar na inclusão de alunos com especificidades, buscando que a criança seja ativamente participante, e não apenas "inserida". O material encerra com as reflexões finais, que enfatizam a urgência da formação e a luta por direitos e um salário mais adequado para as Auxiliares.

Nesse sentido, este "Guia prático" transcende a função de um mero repositório de informações, configurando-se como um produto pedagógico interventivo que materializa o ciclo completo dessa presente pesquisa. Ele se estabelece como uma espécie de apoio à formação continuada e de conscientização crítica, promovendo a reflexão sobre a própria prática, algo essencial para profissionais que enfrentam a (IN)visibilidade. Ao unir as vivências das auxiliares de Juazeiro da Bahia com o embasamento teórico/prático da Educação Infantil, o E-book busca não só instrumentalizar essas profissionais com conhecimentos essenciais sobre o cuidado e o desenvolvimento infantil, mas também, busca fomentar a autoestima profissional e estimular a reivindicação de seus direitos, visando a melhoria efetiva das condições de trabalho dessa categoria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho culmina um ciclo de pesquisa e intervenção ambos intensos, que se propôs a lançar luz sobre as (IN)visibilidades que permeiam a atuação das Auxiliares de Sala na Educação Infantil, um tema que se mostrou essencial para a valorização do trabalho feminino na educação. A abordagem qualitativa e a escuta sensível das cinco auxiliares entrevistadas em Juazeiro-BA, permitiu desvelar as complexas camadas que compõem o cotidiano dessas profissionais.

Os resultados da análise de conteúdo não apenas confirmaram a hipótese inicial, mas categorizam a invisibilidade em fenômenos estruturais, mostrando a hierarquização e redução ao suporte operacional, que as relega à função de "faz-tudo"; a sobrecarga e o desvio de função, que as sobrecarrega com a integralidade do trabalho de cuidado e higiene; e a precariedade laboral, marcada pela informalidade e baixos salários, embora a função seja vista como um aprendizado prático essencial para a futura docência.

A pesquisa demonstrou, portanto, que a desvalorização não é apenas um fator isolado, mas sim uma questão estrutural que está enraizada na lógica patriarcal que desqualifica o trabalho de cuidado historicamente atribuído às mulheres. As auxiliares, apesar de serem figuras essenciais no desenvolvimento integral das crianças e na rotina escolar, são sistematicamente retiradas das discussões pedagógicas e das formações continuadas, e é diante desse cenário, e em alinhamento com a natureza interventiva deste TCC, que a pesquisa encontrou sua materialização no Produto Pedagógico, o E-book "Do cuidado à educação: guia prático de formação e Valorização para Auxiliares de Sala da Educação Infantil". Este guia não é apenas uma compilação de saberes, mas um material de ação e reflexão, destinado a instrumentalizar essas profissionais e, sobretudo, fomentar a consciência crítica e a mobilização por seus direitos.

Ao concluirmos esta etapa, fica a certeza de que a missão inicial foi cumprida com êxito, mas o percurso de luta e visibilidade está apenas começando. Acreditamos que o ciclo formativo vivenciado, tanto por nós, as autoras, quanto pelas cinco

participantes, estabelecem um legado de parceria e compromisso com a construção de uma Educação Infantil mais justa e equitativa. Agradecemos a todas as vozes que compartilharam suas vivências, permitindo que a luz da pesquisa iluminasse o "não-lugar" ocupado pelas auxiliares. Esperamos que este trabalho sirva como um ponto de partida para que as instituições, as universidades e a sociedade passem a reconhecer plenamente a importância das auxiliares de sala, transformando a invisibilidade em pleno protagonismo docente. O futuro da Educação Infantil depende, intrinsecamente, da valorização de todos os seus agentes.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado. In: FERRARO, André G. (Org.). **Teoria e política marxistas: textos de Althusser, Poulantzas, Marx, Gramsci**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985. p. 43-89.

AUXILIAR. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2025. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/auxiliar/>> Acesso em: 18/11/2025

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo. Edições 70, 2016.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Tradução de Reynaldo Bairão. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2014

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: [1996]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm Acesso em: 30 set. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CACHADO, Rita. Diário de campo. Um primo diferente na família das ciências sociais. **Sociologia & Antropologia**, v. 11, n. 02, p. 551-572, 2021.

CERIZARA, Ana Beatriz. Dinâmica das relações entre profissionais de educação infantil. **Perspectiva**, v. 17, n. 1, p. 109-138, 1999.

CHAMON, M. **Trajetória de feminização do magistério: ambiguidades e conflitos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005

CONCEIÇÃO, Graziela Pereira da. **Trabalho docente na educação infantil pública de Florianópolis: um estudo sobre as auxiliares de sala**. 2010. 218f - Dissertação

(Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Educação, Florianópolis (SC), 2010.

DA CONCEIÇÃO, Pedro Wilson Ramos et al. A prática da psicologia escolar e sua contribuição na inclusão escolar de crianças atípicas. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 4, p. e29110414026-e29110414026, 2021.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 87^o ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 77^o ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 2023

GOMES, Amanda Kelly. A importância do reconhecimento profissional para a motivação dos colaboradores. **Revista Hum@ nae**, v. 13, n. 1, 2019.

GUERRA, Avaetê Lunetta e Rodrigues, *et al.* Pesquisa qualitativa e seus fundamentos na investigação científica. **GeSec: Revista de Gestão e Secretariado**, v. 15, n. 7, 2024.

GADELHA DE CARVALHO, Sandra Maria; MARTINS PIO, Paulo. A categoria da práxis em Pedagogia do Oprimido: sentidos e implicações para a educação libertadora. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 98, n. 249, p. 428-445, 2017.

JESUS, Livia Karen Figueredo de. **“É como se fosse um segundo professor”**: uma análise da construção do “não lugar” profissional e da origem dos saberes mobilizados pelos auxiliares de classe. 2021. 143f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação. Universidade Federal da Bahia, Salvador (BA), 2021.

JESUS, Livia Karen Figueredo de. **“Eu sou só a auxiliar”**: uma análise da construção identitária das auxiliares de classe na cidade de Amargosa-BA, Amargosa-BA. 2018. 94f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa, 2018.

MACEDO, A. G.; AMARAL, A. L. (Orgs.). (2005). **Dicionário da Crítica Feminista**. Porto: Edições Afrontamentos

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOSTI, Samantha Lemos. **O auxiliar na educação infantil**: mero assistencialista ou profissional necessário. 59 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2018.l.

PINHEIRO, Maria Nerice dos Santos. **“Não! A auxiliar não é a professora”**: o papel das auxiliares da educação infantil no contexto de creche no município de Fortaleza. 2017. 342f - Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação, Fortaleza (CE), 2017.

SILVA, Natali Naiara Faria de. **O “ser Auxiliar de Sala”**: contribuições para a formação docente. [sn], 2016.

TAVARES, Rita de Cássia Monteiro. **Auxiliar de apoio ao educando**: que função é essa?. Belo Horizonte (MG). 2019. 47f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Especialização em Formação de Educadores Para Educação Básica - LASEB) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

The practice of school psychology and its contribution in school inclusion of atypical children. *Research, Society and Development*, [S. l.], v. 10, n. 4, p. e29110414026, 2021. DOI: [10.33448/rsd-v10i4.14026](https://doi.org/10.33448/rsd-v10i4.14026).

Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/view/14026>. Acesso em: 7 dez. 2025.

WIGGERS, Verena. O conceito de educação e de educação infantil: uma análise a partir das publicações acadêmicas relacionadas a matemática. **Poiésis** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, v. 8, p. 102-120, 2014.

ZIBETTI, M. L. T.; PEREIRA, S. R. Mulheres e professoras: repercussões da dupla jornada nas condições de vida e no trabalho docente. **Educação em Revista**, n. spe2, p. 259-276, 2010.

APÊNDICES

PRODUTO PEDAGÓGICO: EBOOK



LINK DE ACESSO:

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS III
CURSO DE PEDAGOGIA

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

A convidamos para participar de uma entrevista referente à pesquisa desenvolvida para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Pedagogia, realizada pelas discentes Maria Victória Silvestre Fernandes Miranda e Leidy Dayana da Silva dos Santos, sob orientação da Prof. Clara Maria Miranda de Sousa, vinculada ao Departamento de Ciências Humanas III da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). A pesquisa tem como objetivo compreender percepções, experiências e práticas relacionadas ao tema investigado no TCC. Sua participação é voluntária (não remunerada), e não implica em riscos de natureza física, psíquica, social, religiosa ou cultural. Caso deseje desistir após consentir sua participação, o/a participante tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento, antes ou depois da coleta dos dados, sem necessidade de justificativa e sem qualquer prejuízo pessoal. Os resultados obtidos serão analisados e utilizados exclusivamente para fins acadêmicos, podendo ser apresentados em trabalhos, relatórios e publicações científicas. Todas as informações coletadas serão tratadas com sigilo e anonimato, garantindo o respeito à sua identidade e à confidencialidade dos dados. Para mais informações, é possível entrar em contato com as pesquisadoras pelos e-mails: marivsfm@gmail.com e dayanaleidy513@gmail.com

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Eu, _____, fui informada sobre os objetivos da pesquisa e entrevista de TCC e a necessidade da minha colaboração, tendo compreendido as explicações fornecidas pelas pesquisadoras. Por isso, concordo em participar da entrevista, ciente de que não receberei nenhuma forma de remuneração e de que posso desistir a qualquer momento, sem prejuízo algum. Este documento é emitido em duas vias originais, que serão assinadas por mim e por uma das pesquisadoras responsáveis, ficando uma via com cada parte.

Assinatura do/da participante da entrevista

Assinatura de uma das pesquisadoras responsáveis

Juazeiro – BA

Data: ____/____/____

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

1. Nome e Pseudônimo:
2. Idade:
3. Tempo de atuação na Educação Infantil: X anos
4. Tempo de atuação como Auxiliar de Sala: X anos
5. Nível de formação:
 - () Ensino Fundamental completo
 - () Ensino Médio completo
 - () Curso Técnico
 - () Ensino Superior em andamento
 - () Ensino Superior completo
 - () Pós-graduação
6. A instituição em que atua é:
 - () Pública municipal
 - () Pública estadual
 - () Particular
7. Qual curso e instituição de ensino superior você estuda/estudou (caso haja ensino superior)?
8. Quantas turmas você acompanha atualmente?
9. Qual turno atua?
 - () Matutino
 - () Vespertino
 - () Ambos
10. Quantas crianças há, em média, por turma?
11. Você participa do planejamento pedagógico junto com a professora regente?
 - () Sim () Não () Às vezes
12. Você recebe formação continuada ou participa de cursos/oficinas promovidos pela escola ou secretaria de educação?
 - () Sim () Não
13. Há quanto tempo atua na área da Educação considerando todas as experiências?

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

1. O que significa, para você, “ser Auxiliar de Sala”?
2. Como você se sente sendo Auxiliar de Sala na Educação Infantil?
3. O que te levou a iniciar nessa função?
4. Você foi admitida informalmente ou formalmente? O que a escola que você atua levou em consideração na sua admissão?
5. Você é admitida de forma contratual, com carteira assinada ou nenhuma das duas opções? Caso não tenha carteira assinada, a escola leva em consideração assinar sua carteira?
6. Quais são as suas principais funções no cotidiano escolar?
7. Você se sente reconhecida pelo seu trabalho dentro da escola? De que forma?
8. Você percebe se existe diferença salarial entre o que você recebe e as profissionais que atuam junto com você recebem? Caso haja, você considera que isso te afeta de alguma forma? Por que você acha que isso acontece?
9. Quantas auxiliares de sala atuam na mesma sala que você?
10. Quais são as maiores dificuldades que você enfrenta no exercício da sua função?
11. E quais são as maiores satisfações e alegrias no trabalho?
12. Quais as contribuições que você aprendeu na sua atuação como auxiliar? E com a professora regente da sala?
13. Como é a sua relação com a professora regente e com a equipe gestora?
14. Você percebe diferenças entre o trabalho docente e o trabalho do auxiliar? Quais?
15. Na sua opinião, o que poderia ser feito para valorizar mais o papel do Auxiliar de Sala?
16. Trabalha com algum aluno com especificidade? Se sim, a escola oferece formação para as auxiliares trabalharem com esse público?
17. Como é dividida sua carga horária de trabalho? Já foi designada a ficar para além do horário estabelecido? Por qual motivo?
18. Você já foi designada a fazer alguma tarefa que não era designada para sua função? Qual foi?
19. Quantas turmas já trabalhou? Qual teve mais dificuldade? Por quê?
20. Você recebeu/recebe alguma formação continuada pela escola atuante destinada a função de auxiliar?
21. Quando você pensa no futuro da sua profissão, como se imagina?